



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

GISLENE APARECIDA SOUZA
JÉSSICA SIMAS IVAKOSKI

A SEMANA DE ARTE MODERNA E OS IMPACTOS MODERNISTAS: UM
OLHAR A PARTIR DA OBRA “*PAULICÉIA DESVAIRADA*”, DE MÁRIO DE
ANDRADE

FLORIANÓPOLIS

2022

GISLENE APARECIDA SOUZA
JÉSSICA SIMAS IVAKOSKI

A SEMANA DE ARTE MODERNA E OS IMPACTOS MODERNISTAS: UM
OLHAR A PARTIR DA OBRA “*PAULICÉIA DESVAIRADA*”, DE MÁRIO DE
ANDRADE

Relatório de estágio docência II apresentado como requisito
parcial para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de
Língua Portuguesa e Literatura do 10º período do Curso de
Graduação em Letras Língua Portuguesa e Literatura sob a
orientação da Professora Dr^a Isabela Melim Borges.

FLORIANÓPOLIS

2022

RESUMO

Este relatório é o resultado das experiências vivenciadas durante o período de estágio da disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II, do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), desde a inserção no espaço escolar, o período de observação, o planejamento das aulas e as vivências da docência na execução do projeto. A proposta foi desenvolvida para a disciplina de Língua Portuguesa com a turma do 3º ano C do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC. A proposta com a obra “*Paulicéia Desvairada*”, de Mário de Andrade, foi abordada em quatro etapas, sendo: 1. Contextualização; 2. Apresentação do autor e da obra; 3. O Modernismo no Brasil: influências para a Semana de 1922 e 4. Trabalhando com o Prefácio; visando desenvolver o senso crítico e analítico sobre aspectos históricos, políticos e sociais por meio da oralidade, pesquisa, escrita, releitura, leitura e escuta. Ancoradas na concepção de estímulo, direcionamento, diálogos interativos dos estudantes entre si e com as estagiárias (COSSON, p. 62, 2016); considerando os estudantes como sujeitos constituídos e o ensino da língua como prática social (GERALDI, 2015).

Palavras-chave: Estágio de docência. Língua Portuguesa. Semana de Arte Moderna. Modernismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	9
1.1 DESCRIÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO.....	9
1.1.1 Histórico e espaço físico da escola.....	9
1.1.2 A turma.....	10
1.1.3 O professor.....	11
1.1.4 Relatórios de observações individuais.....	11
1.1.4.1 Relatório de observação de Gislene Aparecida Souza.....	12
1.1.4.2 Relatório de observação de Jéssica Simas Ivakoski	16
1.2 PROJETO DE DOCÊNCIA.....	20
1.2.1 Introdução.....	20
1.2.2 Escolha do tema.....	20
1.2.3 Justificativa.....	21
1.2.4 Referencial teórico.....	22
1.2.4.1 Concepção de sujeito e língua.....	22
1.2.4.2 Oralidade.....	23
1.2.4.3 Escrita.....	25
1.2.4.4 Leitura.....	26
1.2.4.5 Análise Linguística.....	27
1.2.5 Objetivos.....	28
1.2.5.1 Objetivo Geral.....	28
1.2.5.2 Objetivos Específicos.....	28
1.2.6 Metodologia.....	28
1.2.7 Recursos.....	32
1.2.8 Avaliação.....	33
1.2.9 Cronograma das aulas.....	33
1.2.10 Planos de aula.....	34
2 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA E ANÁLISE DA PRÁTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO.....	52

3 VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR.....	57
3.1 CONSELHO DE CLASSE PARTICIPATIVO.....	57
3.2 EXPOSIÇÃO DOS ALUNOS - <i>PAULICÉIA DESVAIRADA NO CA</i>	57
3.3 ANÁLISE E REFLEXÃO DAS ATIVIDADES VIVENCIADAS.....	58
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
5 REFERÊNCIAS.....	61
6 ANEXOS.....	63
6.1 ANEXO 1 - Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório de Gislene Aparecida Souza	63
6.2 ANEXO 2 – Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório de Jéssica Simas Ivakoski.....	64
6.3 ANEXO 3 - Registro de observação das aulas de Língua Portuguesa de Gislene Aparecida Souza.....	65
6.4 ANEXO 4 - Registro de observação das aulas de Língua Portuguesa de Jéssica Simas Ivakoski.....	66
6.5 ANEXOS DOS MATERIAIS USADOS EM SALA E ATIVIDADES DOS ALUNOS.....	67
6.5.1 ANEXO A - Orientação para atividade de pesquisa no fórum (Plano I).....	67
6.5.2 ANEXO B - Slides montados com as pesquisas feitas pelos alunos no fórum (Plano I).....	68
6.5.3 ANEXO C - Slides de comparação entre poema parnasiano e poema modernista (Plano I).....	71
6.5.4 ANEXO D - Trechos dos manifestos vanguardistas entregues aos alunos (Plano II).....	72
6.5.5 ANEXO E - Slides com trechos dos manifestos e obras de arte das vanguardas europeias (Plano II).....	74
6.5.6 ANEXO F - Atividade de Mapa Mental dos alunos sobre as vanguardas europeias.....	78
6.5.7 ANEXO G - Capas do livro “ <i>Paulicéia Desvairada</i> ” (Plano III).....	81

6.5.8 ANEXO H - Poemas de Mário de Andrade em “Paulicéia Desvairada” (Planos III e IV).....	82
6.5.9 ANEXO I - Slides Monteiro Lobato versus Anita Malfatti (Plano IV).....	83
6.5.10 ANEXO J - Artigo "Paranóia ou Mistificação?" entregue aos alunos (Plano V).....	84
6.5.11 ANEXO K - Atividade de releitura - primeira versão (Plano VI).....	85
6.5.12 ANEXO L - Atividade de releitura - versão final (Plano VII).....	93
6.5.13 ANEXO M - Montagem da exposição “Paulicéia no CA”.....	102
6.5.14 ANEXO N - Abertura da exposição “Paulicéia no CA”.....	105

INTRODUÇÃO

Neste relatório, apresentamos nosso projeto de docência desenvolvido na disciplina de Língua Portuguesa em atividade de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II, do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com a turma do 3º ano C do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC, sob a orientação da professora Dra. Isabela Melim Borges.

Por meio deste relato, pretendemos expor nossas reflexões e análises acerca da experiência da docência no Ensino Básico, considerando, principalmente, o retorno das aulas presenciais num cenário de pós-pandemia da Covid 19, bem como relatar e refletir sobre o processo pedagógico que envolve a implementação do nosso projeto de docência. Buscamos descrever nossa experiência em sala de aula evidenciando nossas expectativas, análises e considerações sobre o fazer docente e refletir sobre como aplicar os conhecimentos teóricos apreendidos e discutidos durante a graduação, em uma turma do ensino médio.

A primeira parte deste relatório destina-se ao trabalho da docência, sendo dividido em dois subitens: no primeiro deles - Descrição do Campo de Estágio - apresentamos nosso relatório sobre aspectos que envolvem o CA (história e espaço físico da escola, a turma e o professor) bem como nossas reflexões e análises críticas das aulas assistidas que contemplam nosso relatório de observação. O segundo subitem a ser detalhado adiante, refere-se a elaboração do Projeto de Docência, incluindo a escolha do tema e sua justificativa, o referencial teórico que utilizamos para embasar o projeto, os objetivos, a metodologia, os recursos necessários para a realização das aulas e a avaliação. Em seguida, ainda compondo o segundo tópico desta primeira parte, apresentamos os planos de aula desenvolvidos na elaboração do projeto e utilizados nas aulas que regemos.

A segunda parte deste relatório contempla nossas análises, reflexões sobre a prática pedagógica e a experiência do estágio de docência no ensino de Língua Portuguesa.

Em seguida, iremos apresentar e refletir sobre as atividades extraclasse que presenciamos, incluindo o Conselho de Classe Participativo e a exposição "Paulicéia Desvairada no CA", em que as produções dos alunos durante o estágio docente de todos terceiros anos envolvidos foram expostas para a comunidade escolar.

Adiante, traremos nossas Considerações Finais sobre o exercício da docência nesta disciplina de estágio, bem como as Referências que utilizamos como pesquisa e embasamento de nossas ações e estratégias de ensino. Por fim, apresentamos os Anexos que contém os documentos necessários que nos permitiram ministrar aulas da Educação Básica (incluindo os

Termos de Compromisso de Estágio, nossa Frequência na Etapa de Observação, o Relatório de Observação e os Planos de Aula) e também os registros das produções dos alunos durante nosso período de regência.

Desta forma, como requisito do Vestibular 2023 da UFSC e propondo maneiras de relacionar criticamente arte, literatura e sociedade, apresentamos nossa proposta de ensino-aprendizagem, que incluiu um recorte do Modernismo Brasileiro a partir de *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade, abordando elementos históricos e sociais desde as vanguardas europeias até culminar na Semana de Arte Moderna de 1922.

1. DOCÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

1.1 DESCRIÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

A seguir, apresentamos a descrição do campo de estágio, o Colégio de Aplicação da UFSC (CA), elaborada a partir dos relatórios de observação feitos pelas duas estagiárias - Gislene Aparecida Souza e Jéssica Simas Ivakoski - de forma individual, mas com opiniões e reflexões alinhadas entre ambas para ser relatado neste item. Os Relatórios de Observação foram desenvolvidos a partir do acompanhamento de 15 h/a, entre os dias 27/04 e 17/05 da disciplina de Língua Portuguesa com o professor Dr. George França na turma 3C.

1.1.1 Histórico e espaço físico da escola

Localizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no campus da Trindade, o Colégio de Aplicação UFSC (CA) atende as duas etapas da Educação Básica: o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Fundado em 1961, denominado “Ginásio de Aplicação”, tinha como objetivo “[...] servir de campo de estágio destinado à prática docente dos graduandos matriculados nos cursos de Didática, Geral e Específica, da Faculdade Catarinense de Filosofia-FCF.” (PPP, 2019, p. 4).

Inicialmente, as vagas eram reservadas para filhos de professores e servidores técnico-administrativos da UFSC. Em 1992, quase trinta anos depois e como forma de democratização, o ingresso ao colégio passou a ser por meio de sorteio aberto à toda comunidade. Com o objetivo de padronizar as disposições das turmas, foi estabelecido um limite de três turmas para cada ano do Ensino Fundamental e Médio, e o número máximo de 25 alunos para cada uma. Entretanto, como pudemos vivenciar em nosso período de estágio de docência, o terceiro ano do Ensino Médio conta com quatro turmas de 25 alunos cada, contemplando um maior número de alunos.

No ano de 2008 ficou estabelecido que 5% das vagas seriam destinadas a alunos com deficiência, Transtornos do Espectro Autista e Altas Habilidades/Superdotação. Para promover a inclusão efetiva desses alunos no sistema regular de ensino, o colégio conta com uma equipe docente que inclui Educação Especial, Libras e Terapeutas Ocupacionais que prestam suporte aos alunos e demais professores.

Assim, o CA é composto por cerca de 1.015 alunos, 110 professores e mais de 40 técnicos administrativos. A composição desses profissionais, professores e alunos conta com o apoio de diversos setores: Enfermagem, Nutrição, Psicologia Escolar, Terapia Ocupacional,

Orientação Educacional, Pedagogia da Educação Especial, Fonoaudiologia, Serviço Social e Serviço de Assistência aos Alunos. Também compõem a Equipe Pedagógica a Vice-direção e as Coordenações dos segmentos iniciais, do ensino médio e anos finais.

Seguindo as diretrizes da UFSC, o CA desenvolve atividades e projetos que contemplem ensino, pesquisa e extensão. Para isso, conta com 16 projetos (como o “Córdoba” e “Pés na Estrada do Conhecimento”) que contribuem para o conhecimento e capacitam os professores nesses referidos eixos, além de inserir os alunos desde cedo em atividades de pesquisa e extensão.

No que se refere ao espaço físico, o colégio conta com uma estrutura que favorece o processo de ensino-aprendizagem, contando com o Laboratório de Linguagens (destinado a atividades relacionadas à disciplina de Língua Portuguesa), salas de dança, de projetos, de teatro, de músicas, brinquedoteca, salas para recuperação de estudos, salas para línguas estrangeiras, dentre outros.

1.1.2 A turma

O estágio aconteceu na turma do 3º ano C do Ensino Médio, no período matutino, com aula em três dias da semana: terça-feira (1 h/a, sendo das 10h30 às 11h10), quarta-feira (2 h/a, sendo das 10h30 às 11h50) e quinta-feira (2 h/a, sendo das 07h30 às 08h50).

A turma é composta por 25 alunos, sendo 15 meninas e 10 meninos, um deles da educação especial, portador de autismo. Nas aulas que observamos, apenas na primeira delas, no dia 27/04, havia a presença da professora de educação especial. No decorrer dos dias, percebemos que o aluno com o espectro autista não necessitava de aulas adaptadas e os próprios alunos o auxiliavam nas tarefas quando era necessário.

Com idades entre 15 e 18 anos, são alunos participativos, críticos, interessados e curiosos. A configuração física das aulas seguia o padrão de semicírculo, contribuindo para os debates e reflexões sobre os contos do livro *Ânsia Eterna*, de Júlia Lopes de Almeida, trabalhados nesse período. Nesses debates, pudemos perceber, de maneira geral, o elevado nível de conhecimento e criticidade dos alunos em relação à escrita da autora, bem como os desdobramentos e questões sociais que a temática dos contos levantava. A maioria dos alunos demonstrou interesse pelas aulas, contribuindo com opiniões que convergiam ou divergiam das opiniões do professor ou dos demais alunos. Por diversas vezes utilizavam o celular para fazer pesquisas na internet, buscando comprovar ou complementar suas reflexões com dados

(datas, autores), demonstrando o alto nível de interesse pela leitura, ampliando o repertório para além da sala de aula.

Em suma, e salvo algumas exceções de dois ou três alunos que demonstraram menor interesse pelas aulas e atividades, o 3º C foi considerado pelo professor de língua portuguesa e também de outras disciplinas, como visto no Conselho de Classe Participativo, a melhor turma para se trabalhar, incluindo as relações aluno-aluno e aluno-professor.

1.1.3 O professor

O professor regente do 3º C em Língua Portuguesa, Dr. George França, possui graduação em licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (2006), graduação em bacharelado em Letras - Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (2007), mestrado em Literatura - Área de concentração Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina (2009) e doutorado em Literatura - Área de Concentração Teoria Literária pela UFSC (2013). George também tem experiência em Letras, com ênfase em Teoria Literária, principalmente nos temas: literatura, crítica literária, modernismo, modernidade e poesia. Com mais de 10 anos exercendo a profissão docente, George iniciou como professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Colégio de Aplicação da UFSC em 2011.

No estágio temos o primeiro contato prático com a profissão docente durante toda a graduação e através desta experiência constatamos que a docência se aprende durante a prática, “a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, da reelaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons” (PIMENTA; LIMA, 2005, p.7). Sendo assim, identificamos e nos valem de um perfil docente de um professor mediador, conforme destaca Vygotsky (1998), pois a mediação durante o processo de aprendizagem permite que o estudante seja criativo, participativo e questionador.

Demais aspectos relacionados a sua metodologia e relação com os estudantes serão abordados na seção seguinte.

1.1.4 Relatório de observações individuais

As seções anteriores descrevem aspectos da escola, turma e professor que constam em nosso relatório individual de observação. De maneira geral, o período de observação das aulas ministradas pelo professor George foram de fundamental importância para o planejamento e

execução do nosso projeto de docência. Graças a esse contato inicial, tivemos percepções de metodologia, relação aluno-professor e aluno-aluno que constam detalhadas nos relatórios individuais expostos a seguir.

1.1.4.1 Relatório de observação de Gislene Aparecida Souza

1. INTRODUÇÃO

O período de observação de 15 h/a me possibilitou confrontar as práticas aplicadas em sala de aula e os pressupostos teórico-metodológicos estudados durante a graduação e que julgo ancorar uma prática pedagógica consistente, que seja mediadora do processo de ensino-aprendizagem desenvolvido em sala de aula; visando correlacionar as normas e regras de regimento de uma aula, adequando-os a uma prática que ofereça dinamismo, comunicação e interação entre estudantes e docentes. O presente relatório tem como finalidade apresentar as informações que obtive durante o estágio de observação no Colégio de Aplicação da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Observei a prática docente do professor George França e analisei de forma crítica a situação de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa na turma 3^oC do Ensino Médio no período matutino, com o intuito de registrar tudo o que foi visto durante as experiências vividas no estágio de observação.

2. RELATO DAS ATIVIDADES DE OBSERVAÇÃO

O estágio de observação iniciou-se no dia 27 de abril de 2022 e encerrou no dia 17 de maio de 2022, durante este período acompanhei as aulas de Língua Portuguesa e Literatura do 3^oC do ensino médio do Colégio de Aplicação, uma turma composta por 25 estudantes, sendo 10 meninos e 15 meninas; os encontros ocorreram no período matutino às terças, quartas e quintas-feiras, sob a regência do professor George França. Fui muito bem recepcionada pelo professor e estudantes, antes do início da primeira aula de observação eu me apresentei e esclareci o motivo da minha permanência em sala, como o colégio já possui essa prática, a maioria dos estudantes já estão habituados.

Desde o primeiro dia de observação compreendi que é preciso ter compromisso e dedicação para desenvolver uma metodologia de ensino que envolva o estudante no processo ensino-aprendizagem e a importância de apresentar conteúdos que se relacionam com a vida

real. O professor George está trabalhando com a turma a leitura do livro *Ânsia Eterna* de Júlia Lopes de Almeida da coleção *Escritoras do Brasil*, por meio de um círculo de leitura, que se relaciona diretamente com uma atividade escrita; o projetor é utilizado em todas as aulas para reproduzir o livro, acompanhando as passagens destacadas pelos estudantes ou para apresentar algum material audiovisual produzido por eles.

Para essa atividade, foi alinhado previamente com os estudantes alguns papéis que eles irão executar durante o círculo de leitura, sendo assim, é necessário um preparo antecipado que pode exigir um resumo, pesquisa, apresentação, entre outros.

Aluno	1º encontro O caso de Rute	2º encontro O voto	3º encontro Sob as estrelas	4º encontro A casa dos mortos	5º encontro A caolha	6º encontro A boa lua	7º encontro Incógnita
X	DIRETOR DE VIAGENS E ILUSTRAÇÕES	DIRETOR DE RIQUEZAS DE VOCABULÁRIO	DIRETOR DE INDAGAÇÕES	EXPLORADOR	DIRETOR DE RESUMO	DIRETOR DE VIAGENS E ILUSTRAÇÕES	DIRETOR DE RIQUEZAS DE VOCABULÁRIO
Y	DIRETOR DE RIQUEZAS DE VOCABULÁRIO	DIRETOR DE RESUMO	DIRETOR DE VIAGENS E ILUSTRAÇÕES	CONECTOR	EXPLORADOR	DIRETOR DE RIQUEZAS DE VOCABULÁRIO	DIRETOR DE RESUMO

O quadro acima representa a sequência de atividades que o estudante X e o estudante Y deverão apresentar durante os encontros. As pesquisas são feitas anterior ao encontro pelo estudante responsável, como por exemplo: No 1º encontro o estudante Y ficará responsável por encontrar no conto “*O Caso de Rute*”, palavras que enriqueçam o vocabulário ou que desconheça para compartilhar com os demais, em contrapartida, o estudante X irá ilustrar o conto com imagens captadas na internet ou com criações próprias; e assim ocorrerá sucessivamente nos demais encontros.

O conteúdo programático das aulas, a postura receptiva e convidativa do professor, o estímulo dos alunos ao participar das atividades, me fizeram refletir sobre a importância das aulas participativas, de haver um ambiente em que o estudante tenha a possibilidade de cocriar e a liberdade para se desenvolver, mesmo com direcionamentos e regras claras e objetivas. A maioria dos estudantes demonstraram interesse pela atividade proposta e mesmo em momentos que houveram faltas, os estudantes faltantes repassaram a sua parte para um colega apresentar.

No dia 27/04/22, a turma retornou agitada do intervalo e houveram algumas conversas paralelas que fizeram com que o professor precisasse chamar a atenção mais de uma vez. Ele relembrou a aula passada e iniciaram o círculo de leitura, durante as apresentações os estudantes trouxeram questões como: a sensorialidade retratada no texto, pedofilia, casamento arranjado, o amor romântico por pessoas com deficiência, a tragédia e doenças da época;

tendo o professor esclarecido e contextualizado todas estas questões, contudo, sem interromper o debate e troca de ideias que estava ocorrendo entre os estudantes.

No dia 28/04/22, o professor rememorou o último conto da aula passada e os debates em torno dos contos apresentados no dia foram sobre: autoconhecimento (até que ponto eu permito que o outro me machuque), saúde mental, PCD's, hereditariedade, política eugênica, internação compulsória (Lima Barreto), romantização de relações tóxicas (romântica ou familiar) e o papel da mulher na sociedade. O professor contextualizou com a visão e cultura da época, todas as questões desde o machismo ao racismo e indicou o filme Nise - O coração da loucura para que os alunos compreendessem o funcionamento de um hospício e o comportamento dos internos, visto que o tema gerou grande interesse.

No dia 03/05/22, o professor relembrou o último conto analisado na aula anterior, tema central da aula foi sobre o papel da mulher em sociedade, que é obrigada a renunciar de seus ideais para atender as necessidades de terceiros (marido, filhos, familiares) e no conto "*Perfil de Preta*", o professor levantou um debate em torno do racismo e generalização negativa retratados pela escritora sobre o perfil da mulher negra.

No dia 04/05/22, os estudantes retornaram agitados do intervalo e professor comentou sobre a importância do compromisso com as aulas e atividades do círculo de leitura, em seguida retomou a aula anterior. Os temas abordados foram: o papel da mulher na sociedade, como a sexualidade da mulher não é socialmente aceita, o tabu em torno da menstruação e a relação de poder entre homens e mulheres.

No dia 05/05/22, o professor repassou o trabalho final e alterou o prazo de entrega para 02/06, em seguida retomou a aula anterior e o último conto apresentado, os temas abordados para os contos do dia foram: o papel do homem na sociedade e a necessidade de se provar másculo, atenção com quem nos relacionamos.

No dia 10/05/22, o professor retomou a última aula e o conto do dia trouxe um debate em torno das mulheres que vivem em países pobres, que não são assistidas pelo estado. O professor contextualizou o momento vivido no conto como sendo durante a Revolta da Armada.

No dia 11/05/22, a turma retornou agitada do intervalo e o professor se atrasou, o que gerou atraso no início da aula em mais de 10min. Após lembrarem o último conto trabalhado na aula anterior e o momento histórico da Revolta da Armada, os estudantes trouxeram debates sobre: a memória ser a única coisa que realmente temos, a vida após a morte, a beleza da mulher e ser mal é uma opção?

No dia 12/05/22, o professor teceu alguns comentários sobre o conto “*A casa dos mortos*” e relacionou com “*A Odisseia de Ulisses*”, discorrendo sobre a vida pós-morte e a Literatura fantástica, além de indicar aos estudantes “*A Divina Comédia*”, o “*Mito de Orfeu*”, e fazer uma explicação comparando o poema “*Nel mezzo del camin*” de Olavo Bilac e o poema “*No meio do caminho*” de Carlos Drummond de Andrade. Os poemas trabalhados no dia trouxeram debates em torno do machismo, o estereótipo de mulher para “x” versus mulher “y” (exemplo: mulheres virgens são para casar e mulheres não virgens são apenas para diversão), *stalker*.

No dia 17/05/22, houveram muitas faltas na turma, o professor comentou que estão com o círculo de leitura atrasado, porém, está sendo interessante devido os debates gerados em torno dos contos. Os temas abordados pelos estudantes foram: o casamento arranjado, orgulho e ciúmes (qual é o limite?).

3. ANÁLISE FUNDAMENTADA DAS AULAS E DAS ATIVIDADES ACOMPANHADAS

Cosson (2014), considera que a leitura literária na escola demanda uma preparação, uma antecipação e foi exatamente a estratégia utilizada nas aulas do professor George, tendo os estudantes, uma preparação antes, durante e depois da leitura que vão desde as aulas aos compartilhamentos de experiências e interpretações durante o círculo de leitura. O professor conseguiu conduzir a atividade de maneira que favoreceu o processo de leitura como um todo, o primeiro passo da sequência básica do letramento literário diz respeito à motivação, que consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial no encontro do leitor com a obra depende de uma boa motivação, pois essa etapa precisa despertar o interesse do estudante. Nesse sentido, é importante destacar que as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que vai ser lido.

“Compartilhar o texto e a leitura dele, seja o professor com os alunos, seja os alunos com o professor, seja os alunos com os colegas, seja o professor e os alunos com outros leitores externos à turma”. COSSON (p. 20)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressalto que as aulas de observação foram extremamente úteis para o meu desenvolvimento no estágio de docência, pois, por meio da observação pude acompanhar a

rotina da sala de aula e dos métodos de ensino utilizados, além de ter o contato inicial com a turma para preparar um material que se adeque e dê continuidade de forma satisfatória ao processo de aprendizagem que estão; o professor soube lidar com naturalidade em todas as situações adversas que surgiram no decorrer das aulas, o que me tranquilizou e deixou mais confiante.

1.1.4.1.2 Relatório de observação de Jéssica Simas Ivakoski

O objetivo geral do Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura é traçar um projeto de docência que será aplicado em sala de aula com as turmas dos terceiros anos do Colégio de Aplicação da UFSC. A primeira etapa para a realização do projeto de docência é conhecer a escola, o professor e a turma com a qual iremos trabalhar. Visando nos aproximarmos da escola e conhecer a sua realidade cotidiana para termos instrumentos e informações suficientes para traçarmos nosso plano de ação docente, eu, juntamente com minha dupla de estágio, Gislene, acompanhamos um total de 15 h/a, entre os dias 27/04 e 17/05 da disciplina de português com o professor George na turma 3C.

A turma é composta por 25 alunos, sendo quinze meninas e dez meninos, um deles da educação especial, portador de autismo. Com idades entre 15 e 18 anos, são alunos participativos, críticos, interessados e curiosos. Por estudarem juntos desde o nono ano, inclusive com o professor George, os alunos se relacionam entre si e com o professor de forma saudável e respeitosa. Uns com mais afinidades, outros menos, mas nenhuma situação de intriga ou exclusão foi presenciada por nós durante as aulas de observação.

As aulas que acompanhamos foram destinadas às discussões dos contos do livro *Ânsia Eterna*, de Júlia Lopes de Almeida. Com a turma dividida em quatro grupos de seis alunos cada, o professor, por meio do projeto “Círculo de Leitura”, proposto por Rildo Cosson (2014), determinou que cada grupo seria responsável por trabalhar com sete contos do livro. O objetivo era trabalhar com quatro contos por encontro, e em cada um deles, grupos diferentes falariam sobre o conto do dia. Conforme explicitado por Daniels (2002), em cada aula, os alunos tinham funções diferentes a analisar sobre o conto em questão. Foram elas: Diretor de Resumo - responsável por apresentar para a turma um resumo sobre o conto a ser discutido naquele dia; Explorador - responsável por encontrar e discutir com a turma trechos importantes/impactantes no conto; Conector - responsável por conectar passagens dos contos com situações reais ou encontrar pistas que mostrassem o contexto histórico situado no conto; Diretor de Indagações - responsável por trazer reflexões e indagações fornecidas pelo

narrador e/ou questões filosóficas e existenciais abordadas no conto; Diretor de Viagens e Ilustrações - responsável por identificar os lugares que aparecem no conto através de imagens e informações; por fim, Diretor de Riqueza de Vocabulário - responsável por trazer as palavras diferentes junto com seu significado no contexto da obra. Todos os alunos com suas determinadas funções deveriam entregar a atividade escrita ao professor e compartilhar oralmente com a turma durante os círculos de leitura.

De início, o primeiro ponto que me chamou a atenção foi o modo como o professor George organiza a turma no espaço físico da sala: fugindo das tradicionais carteiras enfileiradas com o professor à frente da turma, todas as aulas que acompanhamos foram em formato de *U*, possibilitando que todos os alunos se vissem e, de fato, discutissem sobre os contos. Com o meio da sala livre e com os alunos ao seu redor, George conduzia as discussões a partir dos questionamentos e comentários trazidos pelos alunos, adotando uma postura de mediador, e não a tradicional postura de autoridade detentora de todo o conhecimento.

As aulas seguiam o mesmo padrão de desenvolvimento. Por meio da dinâmica do círculo de leitura, as aulas tinham grande participação dos alunos, fazendo com que até aqueles que não eram responsáveis pelos contos do dia se interessassem e interagissem com o que estava sendo debatido. Digo isso de um modo geral, pois a parte da turma interessada e engajada nas aulas era composta por uns cinco alunos. Os demais contribuíram apenas nas aulas que se tratavam do seu conto e pela função que ficaram responsáveis de desempenhar. Ademais, três ou quatro alunos não realizavam as atividades e não participavam das aulas, seja com comentários ou simplesmente atenção.

Dito isto, um questionamento que me fiz durante o período de observação foi justamente esse: como prender a atenção dos alunos e fazer com que participem e se interessem pelo o que será trabalhado em aula? Imagino que uma pergunta como essa abre espaço para diversas respostas e possibilidades, mas nenhuma delas terá uma resposta totalmente exata e eficaz, já que cada aluno é único, cada um tem seu tempo e gostos de aprendizagem. Nas aulas observadas, percebi que o professor não se importava (no sentido de advertir) com os alunos que estavam aéreos, seja utilizando o celular, conversando com o colega ou realizando atividades de outra disciplina, desde que isso não atrapalhasse o andamento da aula. Quando era recorrente, o professor chamava a atenção do aluno de forma discreta e seguia com o curso da aula, priorizando dar atenção àqueles que de fato estavam interessados nas discussões e no aprendizado.

Dos alunos que participavam ativamente das aulas, percebi um grande interesse em questões de cunho histórico e social, além de simpatizarem pelas causas feministas que

estavam presentes ou subentendidas nos contos de Júlia Lopes de Almeida. Quanto a isso, o professor sempre permitia que os alunos expusessem seus pontos de vista (por várias vezes utilizavam o celular para pesquisar dados, fatos e datas que comprovassem suas impressões); para depois comentar o que achava importante ressaltar e relacionar com o conto que estava sendo discutido. Como exemplo, cito o primeiro dia da observação, onde o conto “O voto” foi trabalhado pelo Grupo 1. De início, eles comentaram que acharam se tratar de um conto político, por conta do título, mas ao ler, riram e perceberam que a palavra “voto” tinha outros significados, sendo o “voto de casamento” o mais apropriado no conto lido. Os alunos notaram também que na obra aparecem bastantes tipos de doenças. Uma aluna foi pesquisar o contexto histórico de produção e citou a Revolta da Vacina, gerando uma reflexão nos demais alunos e com o complemento do professor sobre política, saúde e informação, fazendo relação com a pandemia e resistência de parte da população à vacina do Coronavírus.

Outro ponto que considerei interessante e percebi que funciona muito bem na didática do professor George, é fazer com que os alunos reflitam e eles mesmos tragam os questionamentos, pois quando determinado aluno comenta ou expõe seu ponto de vista, faz com que outro aluno o responda com sua própria opinião, seja concordando ou discordando do que foi dito. Percebi que esse tipo de interação, de aluno com aluno, gera muito mais contribuição do que quando o próprio professor traz algum comentário.

Finalizando os aspectos que considerei mais importantes nas observações das aulas do professor George, cito um ponto que acredito que deva ser olhado com mais carinho: como inserir e trabalhar com alunos da educação especial. Durante as dinâmicas das aulas, percebi que o aluno autista não participava das atividades e não tinha uma atividade adaptada para ele. Assim, acabava por não interagir nas aulas, nem “atrapalhando”, nem contribuindo. Isso me fez pensar em um dos desafios da docência: como tornar o conhecimento acessível a todos, considerando a individualidade de cada aluno? É muito provável que eu não encontre uma resposta concreta para isso, mas me fez pensar o quanto é importante me preparar para as diversas situações que a sala de aula traz.

Desde que entrei na graduação, esse foi meu primeiro contato com uma turma do ensino básico presencialmente, já que o estágio anterior se deu de forma remota. Nesses poucos dias que acompanhamos as atividades do professor com a turma, pude perceber quão agitado é o dia a dia de um professor, mas ao mesmo tempo o quanto é satisfatório ver que algum aluno conectou um conhecimento novo com temas atuais da sociedade ou já vistos anteriormente em outra obra.

Para concluir, considero a dinâmica do círculo de leitura enriquecedora para trabalhar com literatura, pois conforme Cosson (2014, p. 160), “um círculo de leitura é um encontro em torno de pessoas e textos”, e por meio dele, é possível trabalhar leitura, produção escrita, oralidade, questões gramaticais e estrutura textual de maneira interligada, sem dividir por blocos. A compreensão desses quesitos se dá de forma natural, pois o professor trabalha com foco no texto, fazendo com que os apontamentos textuais e extratextuais surjam com naturalidade e façam sentido. Além disso, tal didática faz com que os alunos interajam, até mesmo aqueles mais retraídos, e levem o interesse pelas obras literárias para além do espaço escolar.

1.2 PROJETO DE DOCÊNCIA

1.2.1 Introdução

A disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II do 10º período do Curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa e Literatura (Licenciatura) desenvolveu-se por meio da efetiva atuação das graduandas na prática docente. Para tanto, este estágio realizou-se sob a orientação da Professora Dr^a Isabela Melim Borges, durante o primeiro semestre de 2022, na turma do 3º ano C do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na disciplina de Língua Portuguesa, ministrada pelo professor George França.

1.2.2 Escolha do tema

A escolha do tema do nosso projeto de docência se deu a partir do plano de ensino da disciplina de língua portuguesa, em que o período da nossa regência abrangeria conteúdos relacionados ao Modernismo Brasileiro. Considerando que o estágio de docência foi realizado numa turma de terceiro ano e que os alunos estão em fase de estudo e preparação para o vestibular, o professor George determinou que trabalhássemos com o livro “*Paulicéia Desvairada*”, de Mário de Andrade. Apesar de ser uma das leituras obrigatórias no vestibular da UFSC, o professor nos orientou que trabalhássemos com questões relacionadas ao livro e ao movimento modernista em si, pois, desta forma, assuntos relacionados ao vestibular entrariam de forma natural, sem ser esse o foco do projeto.

Desta forma, pensamos o projeto e os planos de aula de maneira que atendesse aos anseios do professor regente, aos requisitos da escola como instituição, e ementa do terceiro ano, bem como fazer com que as propostas de atividades e ensino se encaixassem às características da turma.

Para isso, elaboramos o projeto de docência de forma que dialogasse com o trabalho previsto e já executado anteriormente pelo professor George, assim como prevê o estágio supervisionado. As aulas que observamos foram destinadas ao estudo e debate sobre os contos do livro *Ânsia Eterna*, de Júlia Lopes de Almeida. Como recurso didático, percebemos o uso do *círculo de leitura*¹, descrito por Cosson (2014), em que cada aluno contribuiu com

¹ Para Cosson (2014), o círculo de leitura é uma prática de grupos de leitores que se reconhecem como integrantes de uma comunidade leitora específica. Apresenta três pontos relevantes para a leitura: o ato de ler, o

questões e comentários sobre o conto lido. Como percebemos grande interesse e participação dos alunos ao estarem dispostos nesta configuração, optamos por continuar com esse método didático a fim de propiciar maior interação possível durante o nosso período de regência. Cumprindo conteúdos previstos pelo plano de ensino, em nosso projeto introduzimos o estudo do Modernismo Brasileiro, considerando contextos históricos e sociais que o antecederam ou que aconteceram simultaneamente. Introduzimos as vanguardas europeias com trechos de manifestos representativos de cada uma delas, passamos pelo estudo dos eventos e condições que culminaram na Semana de Arte Moderna de 1922 e abordamos características e ideais modernistas a partir da leitura de parte do “*Prefácio Interessantíssimo*”, de Mário de Andrade, bem como o estudo e discussão de quatro poemas do livro *Paulicéia Desvairada* (poemas que serviram como base para a produção final dos alunos).

Com isso, nosso projeto de docência visou introduzir e refletir sobre o Modernismo Brasileiro a partir do livro *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade. Além disso, posteriormente ao nosso período de regência, o professor George trabalhará outro livro de Mário de Andrade, *Macunaíma*, podendo retomar alguns aspectos que trabalhamos em nossas aulas com base neste projeto.

1.2.3 Justificativa

A partir do tema escolhido, o presente projeto tem sua justificativa na relevância de sua aplicação, pois, assim como a própria configuração da disciplina de Língua Portuguesa, visa ampliar o domínio da linguagem nas relações sociais, contribuindo para que os estudantes se reconheçam como sujeitos ativos e cidadãos conscientes em sociedade. Como postula Geraldi (1997), os sujeitos se constituem pelo processo de interlocução e, para isso, buscamos planejar nossas atividades tendo como base o texto e a língua como agentes promotores de interação. Dessa forma, por meio das práticas “*leitura de textos, produção textual e análise linguística*” defendidas por Geraldi (1997) e contempladas neste projeto, justificamos sua exequibilidade através da intenção de tornar o aluno um leitor não passivo, mas sim, um agente que busca e cria significações linguísticas.

Considerando que ao longo da trajetória escolar os estudantes têm grande acesso a textos prosaicos, principalmente do período romântico, a ideia de trabalhar com poesia no terceiro ano pressupõe um amadurecimento maior dos estudantes, passível de estabelecer

compartilhamento e o registro. É uma metodologia de leitura que estimula a leitura coletiva e lhe confere caráter social e formativo.

conexões com conhecimentos anteriores e refletir criticamente sobre as produções desta forma literária.

Apoiadas no que diz na Base Nacional Comum Curricular, em que o professor deve

Propor a leitura de obras significativas da literatura brasileira, contextualizando sua época, suas condições de produção, circulação e recepção, tanto no eixo diacrônico quanto sincrônico, ficando a critério local estabelecer ou não a abordagem do conjunto de movimentos estéticos, obras e autores, de forma linear, crescente ou decrescente, desde que a leitura efetiva de obras selecionadas não seja prejudicada (BNCC, 2018. p. 514).

Desta forma, elaboramos este projeto com base no tema pré-definido - o livro *Paulicéia Desvairada* - a fim de que assuntos e conhecimentos relacionados ao Modernismo Brasileiro e ao livro de Mário de Andrade aparecessem em nossas aulas, contemplando o contexto histórico, político e social que abarcava a época e sua reflexão nas produções literárias e obras de arte, como as vanguardas europeias e a Semana de Arte Moderna.

Convergindo com o apontamento de Geraldi (1997) sobre textos produzidos *na* escola e não *para* a escola, as produções finais dos alunos neste projeto de docência vão para além das correções e atribuições de notas pelas estagiárias-docentes. São trabalhos que expressam suas opiniões, criticidade e criatividade literária, que podem ser compartilhados com toda a comunidade escolar.

1.2.4 Referencial teórico

1.2.4.1 Concepção de sujeito e língua

Para desenvolver um projeto de docência para a disciplina de Língua Portuguesa é necessário definir quais concepções de sujeito e língua permeiam o projeto e as aulas em si. Por mais que fique subentendido as teorias e concepções que adotamos através de nossas escolhas didáticas e metodológicas, Geraldi (1996) afirma que, antes de qualquer atividade ser realizada ou pensada em sala de aula, é preciso considerar que qualquer metodologia de ensino está relacionada a uma opção política que envolve teorias de compreensão e de interpretação da realidade com mecanismos usados em sala de aula.

Diante disto, vale ressaltar que este projeto de docência é pautado na concepção de língua como interação, descritas por Valentin Volóchinov (2006) e Mikhail Bakhtin (2011),

em que a interação humana se constitui por meio da linguagem, através de sujeitos ativos em diálogo. Nessa perspectiva, a língua se constitui de uma interação verbal e social, e os sujeitos são vistos como agentes sociais, pois é através dos diálogos que ocorrem as trocas de conhecimentos e experiências.

Pautadas na concepção de Geraldi (1984) sobre sujeito, adotamos a perspectiva de que o indivíduo faz uso da linguagem não somente para expressar seu pensamento ou transmitir conhecimentos, mas sim, para agir e atuar sobre o outro e sobre o mundo. Reconhecemos no aluno um sujeito que é ativo em sua produção linguística, sendo capaz de realizar um trabalho constante com a linguagem em textos orais e escritos. Desta forma, é inviável pensar no aluno como um sujeito abstrato, dissociado do mundo e do contexto social. É preciso pensá-los como “*sujeitos constituídos*” (GERALDI, 2015) historicamente, com marcas e características sociais que refletem em seu processo de interação.

Desenvolvemos este projeto de docência com base nas concepções acima e a partir da compreensão de que a finalidade do ensino-aprendizagem da disciplina de Língua Portuguesa é possibilitar o desenvolvimento crítico e reflexivo no estudante como sujeito agente ativo da linguagem, capaz de usar e compreender a língua e suas reverberações em diferentes contextos e atividades humanas.

Nessa perspectiva, a fim de alcançar tal objetivo pedagógico, a BNCC e os PCNs dividiram a disciplina de Língua Portuguesa em quatro eixos de ensino-aprendizagem: oralidade, produção textual, leitura e análise linguística. Com base nesses quatro eixos e nas concepções de língua e sujeito interacionistas, com teóricos que fundamentam nosso fazer docente, redigimos nosso projeto de docência e o aplicamos em sala de aula.

1.2.4.2 Oralidade

Historicamente, sabemos que a oralidade era usada como instrumento de transmissão de conhecimento. Nos anos 1980, no Brasil, a elaboração curricular passa a tomar a oralidade não mais como ferramenta de ensino de outros componentes curriculares, mas como próprio objeto de estudo e ensino. Dessa forma, gêneros orais relacionados com a escrita e outros gêneros semióticos, como o televisivo e os digitais (ROJO, 2017) trazem uma nova perspectiva para as práticas de ensino.

Nesse viés, acreditamos que tão importante quanto trabalhar a oralidade em sala de aula, é também exercitar a escuta. Para isso, priorizamos em nossa metodologia abordagens

de conteúdos que promoveram o debate, assim como já aconteciam nas aulas observadas do professor George.

Para Irandé Antunes (2003), o trabalho com a fala em sala de aula toma rumos equivocados de concepção e ensino, sendo alguns deles: tomar a fala como “o lugar privilegiado para a violação das regras da gramática”, sem considerar os contextos e situações sociais em que a fala se dá; privilegiar atividades que englobam a oralidade informal, como “conversa, troca de ideias, explicação para o colega vizinho, etc.”, sem promover “uma análise mais consistente de como a conversação acontece” (ANTUNES, 2003, p. 25).

Visando não cometermos esses equívocos apontados pela autora e também com o objetivo de tomar a oralidade como objeto de ensino e aprendizagem, optamos por utilizar em nosso projeto a prática do debate em sala de aula, pois não só possibilita o exercício da fala e escuta, como também desenvolve o senso crítico e reflexivo, além de ser uma prática já adotada pelo professor George em suas aulas. Desta forma, propusemos que os alunos fizessem uma apresentação de suas produções escritas para que, mesmo que inconscientemente, entendam que gêneros orais de comunicação pública “atendem a certas convenções sociais exigidas pelas situações do falar em público” (ANTUNES, 2003, p. 25).

Vale ressaltar que propusemos o trabalho com a oralidade intrinsecamente relacionado ao trabalho com a escrita, apesar de cada modalidade linguística possuir suas especificidades, pois consideramos que

[...] não existem diferenças essenciais entre oralidade e escrita nem, muito menos, oposições. Uma e outra servem à interação verbal, sob a forma de diferentes gêneros textuais, na diversidade dialetal e de registro que qualquer uso da linguagem implica. (ANTUNES, 2003, p. 99)

Ao aceitarmos o caráter interacionista da oralidade, uma das implicações pedagógicas que deve ser considerada no trabalho do professor apontado por Irandé Antunes (2003), as que mais nos dispusemos exercitar em nossas aulas de literatura foram a “*oralidade orientada para desenvolver a habilidade de escutar com atenção e respeito os mais diferentes tipos de interlocutores*”, já que, como dito anteriormente, desta forma o aluno é capaz de exercitar a fala e escuta, além de desenvolver o senso crítico, argumentar e emitir opiniões; e “*oralidade orientada para se reconhecer o papel da entonação, das pausas e de outros recursos supra-segmentais na construção do sentido do texto*” por considerarmos que, principalmente na poesia - objeto de trabalho neste projeto de docência - o uso (pelo autor) e aplicação (pelo

leitor) dos recursos linguísticos é de suma importância para a interpretação e compreensão de sentidos.

1.2.4.3 Escrita

Uma das formas de o professor averiguar a assimilação do conteúdo trabalhado durante as aulas é através da produção escrita dos alunos. Contudo, acreditamos que os textos produzidos pelos alunos não devam servir somente como forma de avaliá-los, mas sim, uma maneira de colocar em prática as reflexões originadas da leitura, bem como sua criticidade em relação ao texto lido. É o momento em que o professor possibilita ao aluno refletir sobre sua própria produção “sem o ranço das atitudes puramente ‘corretivas’, de ‘caça aos erros’, como se o professor só tivesse olhos para enxergar ‘o que não está certo’” (ANTUNES, 2003, p. 159).

A partir disso, pensamos nossa proposta de produção textual com base na releitura de poemas escolhidos de *Paulicéia Desvairada*, contemplando as etapas de *planejamento* (definição do objeto de escrita e ordenação das idéias), *operação* (escrita propriamente dita) e *revisão* (análise do texto para verificar se cumpre aquilo que se propôs e reescrita do material produzido) sugeridas por Antunes (2003).

Considerando que estagiamos em uma turma de terceiro ano do EM (ano de Enem e vestibulares) e que *Paulicéia Desvairada* é leitura obrigatória para o vestibular da UFSC de 2023, optamos por trabalhar a produção textual de releitura dos poemas sem determinar um gênero específico. Desta forma, os alunos poderiam escolher entre manter a releitura em forma de poema, migrar para contos (já trabalhados anteriormente pelo professor George) ou transformar em manifesto (como trabalhamos nas aulas iniciais deste projeto), fugindo do tradicional exercício de treinar técnicas de redação, como aponta Geraldi (1999)

nos exercícios e nas provas de redação, a linguagem deixa de cumprir qualquer função real, construindo-se uma situação artificial, na qual o estudante, à revelia de sua vontade, é obrigado a escrever sobre um assunto em que não havia pensado antes, no momento em que não se propôs e, acima de tudo, tendo que demonstrar (esta é a prova) que sabe. E sabe o quê? Escrever. E bem (GERALDI, 1999, p. 98).

Portanto, para que a produção de escrita exerça a função interacionista da língua, é necessário que haja “encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos, para que aconteça a

comunhão das ideias, das informações e das intenções pretendidas” (ANTUNES, 2003, p. 45).

Das orientações para o trabalho com a escrita citadas por Antunes (2003) e considerando o tempo hábil que tínhamos em sala de aula, priorizamos explorar as especificidades que contemplam a *autoria* dos alunos, onde se sintam “sujeitos de um certo dizer que circula na escola” e superem “a única condição de leitores desse dizer” (ANTUNES, 2003, p. 41); a escrita de textos *socialmente relevantes* que considerem os diferentes usos sociais da escrita; textos com escritas *contextualmente adequadas*, considerando a situação enunciativa e os receptores/público-alvo daqueles textos.

Através dos conhecimentos dos alunos e de nossa mediação, possibilitamos aos estudantes condições de produção textual como um processo resultante daquilo que foi apreendido durante as aulas. Para além da mera finalidade de atribuição de nota, as produções textuais dos estudantes refletem sua criticidade e criatividade em relação aos conhecimentos abordados durante nossa regência.

1.2.4.4 Leitura

Como ponto de partida do planejamento de nossas aulas neste projeto de docência, seguimos a concepção de Geraldi (2015) em que

ler não é apenas reconhecer o signo com suas significações do passado. Ler é construir uma compreensão no presente com significações que, entranhadas nas palavras, são dissolvidas pelo seu novo contexto [...] para permitir a emergência de um sentido concreto, específico e único” (GERALDI, 2015, p. 103).

Para isso, pensamos em atividades de leitura em sala de aula que fuja daquela criticada por Antunes (2003)

uma atividade de leitura cuja interpretação se limita a recuperar os elementos literais e explícitos presentes na (superfície do texto). Quase sempre esses elementos privilegiam aspectos apenas pontuais do texto (alguma informação localizada num ponto qualquer), deixando de lado os elementos de fato relevantes para sua compreensão global (como seriam todos aqueles relativos à idéia central, ao argumento principal defendido, à finalidade global do texto, ao reconhecimento do conflito que provocou o enredo da narrativa, entre outros) (ANTUNES, 2003, p. 28).

mas sim, que seja

uma atividade de interação entre sujeitos e supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidos pelo autor (ANTUNES, 2003, p. 67).

De acordo com Marcuschi (2008), o texto não é “[...] um produto acabado e objetivo, nem um depósito de informações, mas um evento ou um ato enunciativo, ele (o texto), acha-se em permanente elaboração ao longo de sua história e das diversas recepções pelos diversos leitores” (p. 248). O autor ainda reforça que “[...] o sentido não está no leitor, nem no texto e nem no autor, mas se dá como um efeito das relações entre eles e das atividades desenvolvidas” (p. 248). Desta forma, trouxemos para a sala de aula propostas de leitura em voz alta pelos estudantes, leituras feitas por nós, estagiárias, e leituras extra-classe, levando em consideração aquilo que o texto nos diz, mas também os contextos e condições de produção.

1.2.4.5 Análise Linguística

O último eixo do trabalho com a língua, inclui o ensino-aprendizagem da gramática. Neste quesito, incluímos os gêneros de Bakhtin (2013), que em nosso projeto aparece de forma atrelada ao trabalho com o texto em si, sendo abordado de forma natural durante as aulas e não como próprio objeto de estudo. Acreditamos que o ensino da gramática está vinculado ao texto e ao uso em vida, não somente em questões estilísticas, pois permite “ajudar os alunos a entender o que muda quando escolho esta ou aquela palavra, esta construção sintática em lugar de outra” (BAKHTIN, 2013, p. 14).

Considerando que o centro deste projeto de docência é o trabalho com poesia, previmos que muitas questões gramaticais, sintáticas e semânticas surgiriam no decorrer das aulas. Por conta disso, abordamos a análise linguística ao passo em que avançávamos nas leituras dos textos propostos (manifestos, poesias) e nos questionamentos que os alunos nos traziam. Conforme Antunes (2003), abordamos questões gramaticais pontuais considerando *para que* serve determinada função linguística, e não somente conhecimento de nomenclaturas e regras.

1.2.5 Objetivos

1.2.5.1 Objetivo geral

Desenvolver o senso crítico e analítico sobre aspectos históricos, políticos e sociais que contribuíram para a criação de movimentos artísticos e literários e que estiveram presentes no Modernismo Brasileiro, sobretudo na obra de Mário de Andrade e sua contribuição para o movimento.

1.2.5.2 Objetivos específicos:

- a) Aprimorar as habilidades de escrita dos alunos, a partir das produções de releitura de poemas que desenvolveram no decorrer das aulas;
- b) Praticar o exercício de reescrita, considerando o processo de criação e aprimoramento dos textos produzidos pelos estudantes;
- c) Exercitar a oralidade através de debates e leituras em voz alta;
- d) Praticar a leitura de poemas em voz alta, percebendo os significados de compreensão construídos a partir da entonação, bem como compreender a estrutura dos versos;
- e) Propiciar aos estudantes a compreensão quanto às características do gênero poema em contraponto com as características do gênero conto já trabalhados por eles anteriormente;
- f) Aprimorar as habilidades leitoras dos estudantes, contribuindo para a formulação de hipóteses sobre os recursos linguísticos presentes nos poemas e a construção de sentidos obtidos a partir deles;
- g) Praticar a leitura em sala de aula, reconhecendo-a como instrumento de comunicação e interação com o outro.

1.2.6 Metodologia

A metodologia utilizada no projeto de docência foi:

- a) Aulas expositivo-dialogadas;
- b) Exibição de imagens e slides;
- c) Atividades de pesquisa e escrita feitas em casa, de forma individual ou em grupo;
- d) Participação no fórum da disciplina;

- e) Leitura oral em sala de aula de trechos de manifestos que representam as vanguardas europeias, bem como dos poemas de Mário de Andrade;
- f) Confeção de um mapa mental sobre as vanguardas europeias;
- g) Leitura em casa do artigo de Monteiro Lobato, incluindo anotações das impressões e comentários sobre o texto;
- h) Debates sobre o tema de cada aula;
- i) Produção, em grupo, de releitura de um poema de Mário de Andrade;
- j) Reescrita da produção de releitura.

Deste modo, para a nossa primeira aula, dia 07 de junho, deixamos um aviso com o professor George sobre uma atividade participativa no fórum do *Moodle*. Nesta atividade, os estudantes deveriam pesquisar e escrever brevemente sobre o que foi a Semana de Arte Moderna e incluir uma imagem de obra de arte que representasse esse movimento. Ficamos bastantes satisfeitas, pois a maioria dos alunos contribuiu com alguma mensagem no fórum, o que facilitou nosso primeiro encontro, já que planejamos nossa primeira aula com base nas informações e obras trazidas por eles no fórum da disciplina. Pudemos perceber a aplicação do método de ensino horizontal defendido por Paulo Freire (1997; 1999), onde o aluno é sujeito da própria aprendizagem e chega à escola possuindo conhecimento de sua língua e cultura. Nesse sentido, o professor atua como mediador dos novos conhecimentos e a aprendizagem se dá de forma coletiva, promovendo aos estudantes autoconfiança e autonomia.

Iniciamos nosso primeiro dia de regência apresentando um cronograma geral do que aconteceria nesse período e logo introduzimos ao tema da aula. Nesse primeiro momento, mencionamos fatos marcantes da Semana de 22, citando a leitura do poema *Os Sapos*, de Manuel Bandeira, sendo declamado por Ronald de Carvalho nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo. Exibimos aos alunos um vídeo do *youtube*² em que Cacá Carvalho recita este poema. Após a exibição, discutimos, de forma breve, sobre as críticas que Bandeira faz aos poetas parnasianos.

Para complementar, trouxemos dois poemas, *Língua Portuguesa*, de Olavo Bilac, e *Erro de Português*, de Oswald de Andrade, para demonstrar diferenças entre a estrutura e linguagem tradicional *versus* a estrutura e linguagem de um poema modernista. A leitura dos poemas foi feita por dois alunos, em voz alta, e em seguida questionamos e comentamos sobre uso do vocabulário e disposição dos versos.

² Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=9xN28p84gC0>

Nesta mesma aula, incluímos trechos dos comentários e as imagens das obras pesquisadas e postadas no *Moodle* em slides que foram exibidos durante esta primeira aula. Ao passo em que avançávamos, a discussão sobre o que foi e como aconteceu a Semana de 22, notamos a satisfação dos alunos ao se verem reconhecidos nos trechos e imagens selecionadas. Surgiram comentários como “esse trecho é meu”, “essa imagem fui eu que postei”, evidenciando o quanto funciona fazer com que a aula aconteça a partir das contribuições dos estudantes. Finalizamos nossa primeira aula com um apanhado bem genérico (já que era uma aula de apenas 40 minutos) sobre causas sociais e alguns aspectos da Semana de 22.

Na aula seguinte, dia 08 de junho, retomamos alguns pontos trabalhados na aula anterior, principalmente sobre os poemas que trouxemos como exemplos. Como era uma aula faixa, dedicamos a primeira delas para reler e ir mais a fundo nos poemas de Bandeira, Bilac e Oswald, como nos foi orientado pelo professor regente e nossa professora orientadora. Dessa forma, retomamos o trabalho com os poemas e ouvimos mais os alunos, sobre suas impressões e questões de compreensão e interpretação.

Em seguida, adentramos nas vanguardas europeias, já que é relevante estudá-las antes de abordarmos o Modernismo no Brasil. Para isso, iniciamos essa etapa contextualizando eventos históricos e sociais que aconteciam no mundo naquele momento: guerras, industrialização, avanços científicos e tecnológicos. Em seguida, distribuímos uma folha A4 com trechos dos seguintes manifestos:

- Futurismo: *O Futurismo* - Marinetti, 1909
- Expressionismo: *Expressionismo na poesia* - Kasimir Edschmid, 1918
- Cubismo: *Manifesto Cubista* - Apollinaire, 1913
- Dadaísmo: *Manifesto Dadá* - Tristan Tzara, 1918
- Surrealismo: *Manifesto do Surrealismo* - André Breton, 1930.

Retirados do livro “*Vanguarda Europeia & Modernismo Brasileiro*”, de Gilberto Mendonça Teles, também deixamos disponíveis as versões completas dos manifestos em nosso espaço do *Moodle*, pois concordamos com Cosson (2009) quando diz que para efetivar o letramento literário na escola, é necessário trabalhar com a obra literária de forma integral, e não com fragmentos. Por falta de tempo hábil de aprofundar os manifestos em sala de aula, optamos por trabalhar com trechos dos manifestos, de forma contextualizada, e disponibilizamos o material completo para consulta e estudo extraclasse, pois cabe ao professor “disponibilizar

espaços, tempos e oportunidades para que esse contato se efetive” (PAULINO; COSSON, 2009, p.74).

Solicitamos a leitura voluntária dos alunos e não tivemos problemas quanto a isso, pois é uma turma bem participativa. Ao passo em que era lido o manifesto de uma vanguarda, apresentamos nos slides imagens de obras de arte, seja pintura ou escultura, que representam aquele movimento. Assim, conseguimos discutir e estabelecer relações sobre as características das vanguardas europeias presentes nos manifestos e nas obras de arte. Ao final, solicitamos que, em duplas e como atividade extraclasse, os alunos elaborassem um mapa mental das vanguardas europeias vistas nesta aula, que deveria conter o nome do movimento, algumas características e nome de artistas ou obras associadas a cada movimento. A atividade deveria ser entregue presencialmente no dia seguinte.

Em nossa terceira aula, dia 09 de junho, iniciamos o dia com alguns alunos faltantes, considerando que são as duas primeiras aulas do dia e muitos alunos se deslocam de longe e dependem do transporte público, já era o esperado. Recolhemos as atividades dos mapas mentais e, a partir deles, retomamos alguns pontos da aula do dia anterior. Como forma de joguinho interativo e de exercício de fixação, expusemos, em slides, outras obras de arte consideradas representativas de cada vanguarda europeia. As imagens foram colocadas de forma aleatória e sem identificação. O objetivo era que os estudantes conseguissem reconhecer os traços de cada vanguarda a partir dos estudos do dia anterior nas novas obras que lhes foram apresentadas. O exercício levou cerca de quinze minutos, aconteceu de forma oral, os estudantes viam as imagens e diziam de qual movimento consideravam que pertencia.

Em seguida, relembramos os estudantes sobre o trabalho final deste projeto, que constitui na releitura dos poemas de Mário de Andrade a serem estudados nas aulas seguintes. Assim, fizemos a leitura e discussão sobre os poemas *Inspiração*, *Paisagem n. 3* e *Os cortejos* nessa aula. Por falta de tempo, o poema *Tietê* ficou para a aula seguinte, do dia 14 de junho. Inicialmente, havíamos planejado dar conta dos quatro poemas na aula do dia 09 e, na aula do dia 14, fazer a leitura e discussão do artigo de Monteiro Lobato que faz críticas à Anita Malfatti, intitulado *Paranoia ou Mistificação?*. Devido à necessidade nossa e dos alunos de esmiuçar melhor os poemas que serviram como base do trabalho final, acabamos adiando esta discussão para a aula do dia 15.

Na quinta aula, dia 15 de junho, retomamos de forma geral os pontos principais de cada poema e fomos ao debate sobre o artigo de Monteiro Lobato. A leitura foi feita pelos

estudantes, cada parágrafo teve um aluno voluntário, e conforme a leitura foi acontecendo, fomos discutindo e comentando sobre as críticas de Lobato, que na verdade refletia o pensamento de uma sociedade tradicionalista. Os comentários e críticas do texto partiam, na maioria das vezes, dos próprios alunos, o que contribuiu muito para o andamento da aula e compreensão do texto e de tudo o que repercutia a partir dele.

No segundo momento da aula, após identificarmos a figura conservadora e influenciadora de Lobato, adentramos em alguns trechos do *Prefácio Interessantíssimo*, escrito por Mário de Andrade a pedido de Lobato, que demonstram as aversões de Mário ao costumes conservadores, seu repúdio às escolas literárias, seus ideais inovadores de se fazer arte brasileira e alguns pontos que demonstram suas contradições. No final desta aula, orientamos os alunos sobre as produções de releitura dos poemas, bem como a divisão dos grupos. O prazo para a entrega foi até o domingo, dia 19 de junho.

A sexta aula, dia 21, foi direcionada para a devolutiva das atividades, com correções e sugestões feitas por nós, estagiárias. Os alunos sentaram-se com seus respectivos grupos e iniciaram o processo de reescrita da produção final, enquanto nós passávamos grupo a grupo auxiliando nas dificuldades e trazendo novas orientações. Alguns precisavam de mais ajustes, outros menos. Para que todos tivessem o que fazer nesse tempo, pedimos que pesquisassem uma imagem que representasse a releitura deles, assim como nós trouxemos nos primeiros dias de aula imagens que representassem as vanguardas. Assim, conseguiram encaminhar ou finalizar o trabalho final que seria apresentado para a turma no dia seguinte.

Conforme previsto, nossa última aula, dia 22 de junho, ficou reservada para a socialização das produções. Os alunos apresentaram e explicaram sobre seu processo de criação e finalizamos nossa experiência de regência.

1.2.7 Recursos

Para a realização deste projeto, foram necessários os seguintes recursos:

- a) Projetor multimídia para exibição de slides explicativos;
- b) Computador com acesso à internet;
- c) Cópia impressa dos trechos dos manifestos das vanguardas e do artigo de Monteiro Lobato;
- d) Laboratório de Linguagens;
- e) Material de uso comum dos alunos.

1.2.8 Avaliação

A avaliação foi feita considerando a realização das atividades propostas - participação com a pesquisa no *fórum* da disciplina, realização do mapa mental e a atividade de releitura, está dividida em primeira versão, reescrita e apresentação. Assim como postula Cosson (2014), acreditamos que a literatura deve ser vista como uma experiência e não como um conteúdo a ser avaliado. Portanto, nas atividades, consideramos como processo avaliativo as dificuldades e avanços dos alunos em relação às produções escritas (primeira e segunda versão).

Atendendo aos requisitos escolares de atribuir notas aos estudantes, seguimos o seguinte esquema:

<p>Atividade de releitura (Primeira versão + reescrita + apresentação = /3)</p> <p>Nota final de 0 a 10.</p>	<p>Atividade de pesquisa no <i>fórum</i> da disciplina</p> <p>Soma ou diminui um ponto da atividade de releitura.</p>	<p>Atividade de mapa mental sobre vanguardas europeias</p> <p>Soma ou diminui um ponto da atividade de releitura.</p>
---	--	--

Desta forma, nossa avaliação dos estudantes priorizou a atividade de releitura, pois nela consta o tema principal do projeto - os poemas de Mário de Andrade e características modernistas - e, atrelada a essa nota, somamos ou diminuimos um ponto de cada uma das outras atividades realizadas (ou não) por eles.

1.2.9 Cronograma das aulas

Aula	Data	Tema
1	07/06 - Terça-feira (10h30 às 11h10)	Centenário da Semana de Arte Moderna de 1922.
2	08/06 - Quarta-feira (10h30 às 11h50)	Contextualização da Semana de 1922 e as vanguardas europeias.
3	09/06 - Quinta-feira (07h30 às 08h50)	Modernismo brasileiro.

4	14/06 - Terça-feira (10h30 às 11h10)	<i>Paranóia ou Mistificação?:</i> o “cancelamento” de Anita Malfatti por Monteiro Lobato.
5	15/06 - Quarta-feira (10h30 às 11h50)	Trabalhando com o <i>Prefácio Interessantíssimo</i> .
6	21/06 - Terça-feira (10h30 às 11h10)	Tira-dúvidas da atividade de releitura.
7	22/06 - Quarta-feira (10h30 às 11h50)	Apresentação e socialização do trabalho final.

1.2.10 Planos de aula



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

Colégio de Aplicação

Professor da turma: George França

Estagiário (a) responsável pela aula: Gislene e Jéssica

Disciplina: Língua Portuguesa

Série: 3º ano do Ensino Médio

Turma: 3º C

Turno: Matutino

PLANO DE AULA I

Tema: Centenário da Semana de Arte Moderna de 1922

Objetivo Geral:

Proporcionar uma aula participativa por meio de uma pesquisa inicial, que os estudantes farão extraclasse, sobre a comemoração do Centenário da Semana de Arte Moderna.

Objetivos Específicos:

- Identificar o conhecimento dos estudantes em relação a Semana de Arte Moderna;
- Fazer a apresentação inicial sobre a Semana de Arte Moderna;
- Desenvolver técnicas de pesquisa extraclasse.

Conhecimentos abordados:

- Introdução a Semana de Arte Moderna;
- Comemoração do centenário;
- Impactos e relações sociais da Semana de Arte Moderna.

Metodologia:

10:30 - 10:40 - Iremos nos apresentar e explicar brevemente a proposta das aulas, que irão ocorrer de 07/06 à 22/06, os conteúdos a serem trabalhados nesse período e o trabalho que será produzido e apresentado no último dia (22/06).

10:40 - 11:10 - A partir das pesquisas feitas previamente pelos estudantes e postadas no *Moodle*, falaremos brevemente sobre a Semana de Arte Moderna de 1922. A fim de discutir e entender os contextos sociais que se relacionavam com o evento, faremos perguntas norteadoras aos alunos para que interajam e, assim, possamos saber sobre os conhecimentos prévios que eles possuem acerca do tema. A aula seguirá a partir das respostas trazidas e serão projetadas eventuais imagens (que foram postadas previamente pelos estudantes via *Moodle*), que retratam a Semana de 22.

[Será utilizado material de apoio pré-produzido caso não haja interação da turma]

Perguntas norteadoras:

1. O que foi a Semana de Arte Moderna?
2. Quais impressões vocês tiveram ao ter contato com os materiais pesquisados?

Perguntas extras que podem ser discutidas caso haja tempo hábil:

3. Há alguma relação com conteúdos que já trabalharam anteriormente?

4. Quais impactos foram causados na sociedade da época?
5. Há alguma relação com eventos/contextos da atualidade?

Recursos didáticos:

- Computador com acesso à internet;
- Projetor multimídia;

Avaliação:

- Participação no fórum do *Moodle* e interação na aula.

Referências:

Semana de Arte Moderna. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento84382/semana-de-arte-moderna>> Acesso em 25 de maio de 2022.

ALAMBERT, Francisco. **A semana de 22: A aventura modernista no Brasil.** São Paulo: Editora Scipione. 2ª edição.

LACERDA, Nara. Canal Brasil de Fato. **Afrontosa ou aristocrática? BdF explica a Semana de Arte Moderna de 1922.** Youtube, 14 de fevereiro de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-sQ2KIS4H2Y>>. Acesso em 25 de maio de 2022.

PLANO DE AULA II

Tema: Contextualização da Semana de 1922 e as vanguardas europeias.

Objetivo Geral:

Introduzir o Modernismo brasileiro por meio da contextualização histórica e social dos eventos que levaram à Semana de Arte Moderna de 1922 e apresentar as vanguardas europeias.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer aspectos históricos e sociais que antecederam a Semana de 1922 no Brasil e no mundo;
- Reconhecer as vanguardas europeias e figuras importantes de cada movimento por meio dos manifestos que caracterizam cada uma delas;
- Identificar o movimento das vanguardas em obras de arte além da literatura;
- Refletir sobre a influência das vanguardas europeias no modernismo brasileiro e apontar diferenças entre os movimentos.

Conhecimentos abordados:

- Contexto histórico e social da Semana de 1922;
- Movimento das vanguardas europeias: Futurismo, Expressionismo, Cubismo, Dadaísmo e Surrealismo;
- Introdução ao movimento Modernista.

Metodologia:

10:30 - 10:35 - Formar um semicírculo com os alunos.

10:35 - 10:45 - Retomar os principais pontos discutidos e apresentados na aula anterior.

10:45 - 11:30 - Após termos um panorama sobre as impressões dos alunos acerca do conteúdo abordado anteriormente, entenderemos melhor o contexto histórico e social que antecedeu a Semana de 1922. Para abordar os eventos que aconteciam no mundo naquela época, traremos trechos de manifestos que caracterizam as vanguardas europeias.

Será distribuído para cada estudante uma folha A4 (Anexo 1) com trechos de manifestos das seguintes vanguardas: Futurismo, Expressionismo, Cubismo, Dadaísmo e Surrealismo. Faremos uma leitura em conjunto, solicitando que os estudantes se voluntariem para ler; dependendo da resposta da turma, nós faremos as leituras.

Durante a leitura de cada trecho de manifesto, será projetada a imagem de uma obra de arte (Anexo 2) que caracterize a vanguarda em questão. Refletiremos com os alunos sobre as características principais de cada vanguarda, solicitando que expressem suas opiniões sobre os trechos lidos e a relação com a imagem apresentada.

Findada a leitura dos trechos dos manifestos, perguntaremos aos alunos:

1. Quais características mais marcantes puderam perceber em cada um deles?
2. Quais relações estabelecem com o material lido e apresentado?

3. Quais os autores e artistas mais representativos de cada vanguarda?
4. Perceberam características comuns ou contrárias das vanguardas europeias com que vivimos, até o momento, sobre a Semana de 1922?

11:30 - 11:35 - Solicitar que os alunos cole a folha com os trechos dos manifestos em seus cadernos.

11:35 - 11:50 - Explicar aos estudantes a tarefa de casa: em dupla, farão um mapa mental sobre as vanguardas europeias que deverá ser postado no *Moodle* até o dia 13/06 às 18hs, seguindo as orientações abaixo:

1. Deve conter o nome de cada vanguarda;
2. Deve constar informações sobre o contexto em que o movimento se deu;
3. Suas principais características;
4. Nomes de artistas associados ao movimento;
5. Estabelecer algum vínculo (semelhança ou diferença) com o que foi visto do modernismo brasileiro até o momento, conforme pesquisas e debates feitos na Aula 1.

Os estudantes deverão postar a foto dos mapas feitos de forma manual ou o arquivo midiático (word, paint, pinterest, um slide de powerpoint), caso façam no computador.

Recursos didáticos:

- Computador com acesso à internet;
- Projetor multimídia;
- Cola tenaz;
- Caneta e caderno dos alunos para anotações e colar a folha A4 distribuída pelas estagiárias.

Avaliação:

- Participação na aula;
- Realização da atividade do mapa mental e postagem via *Moodle*.

Referências:

ALAMBERT, Francisco. **A semana de 22: A aventura modernista no Brasil**. São Paulo: Editora Scipone. 2ª edição.

Semana de Arte Moderna. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.

São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento84382/semana-de-arte-moderna>>. Acesso em 25 de maio de 2022.

PLANO DE AULA III

Tema: Modernismo brasileiro.

Objetivo Geral:

Apresentar aspectos do Modernismo brasileiro a partir da vida e obra de Mário de Andrade.

Objetivos Específicos:

- Refletir sobre a cidade de São Paulo de cem anos atrás;
- (Re)conhecer a vida e obra de Mário de Andrade e sua relação com o modernismo;
- Identificar aspectos e características literários nos poemas de Mário de Andrade que se referem à São Paulo.

Conhecimentos abordados:

- Características do movimento modernista e aspectos presentes na obra de Mário de Andrade.

Metodologia:

07:30 - 07:50 - Retomada da aula anterior sobre as vanguardas europeias.

07:50 - 08:10 - Iniciaremos a aula com os alunos sentados em semicírculo, enfatizando que, enquanto na Europa, tínhamos as vanguardas como principais movimentos artísticos, no Brasil, o Modernismo era o movimento que já vinha se formando e desenvolvendo antes da realização da Semana de 22, e visava romper com as formas artísticas tradicionais por meio de um olhar diferente para a realidade brasileira. Para isso, faremos uma breve explanação sobre a cidade de São Paulo e sua influência para a consolidação do movimento modernista: seu processo de urbanização, chegada de imigrantes, desenvolvimento tecnológico, expansão econômica e cultural. Com o objetivo de situá-los socialmente, vamos projetar imagens para que comparem os principais cenários da cidade da época com os atuais (Anexo 3).

08:10 - 08:50 - Para adentrarmos na vida e obra de Mário de Andrade, questionaremos aos estudantes se já conhecem o autor, se já leram ou ouviram falar de alguma obra dele. Caso

não surjam exemplos, citaremos *Há uma gota de sangue em cada poema* (1917), *Macunaíma* (1928) e *Paulicéia desvairada* (1922). É sobre este último livro que destinaremos as próximas discussões.

Como conhecimento biográfico, mencionaremos que Mário é um escritor brasileiro interessado pela arte e cultura brasileiras, nascido na cidade de São Paulo em 1893. Estudou piano e música, engajado politicamente, historiador, estudioso de folclore e escreveu críticas à literatura. Considerado erudito, Mário de Andrade era amigo de Oswald de Andrade e Anita Malfatti. Citaremos essa relação pois esses nomes são relevantes para o acontecimento da Semana de 1922, junto com Tarsila do Amaral e Menotti del Picchia. Vale ressaltar que não aprofundaremos as características desses artistas, apenas citaremos que estiveram presentes e foram importantes para a criação da Semana de Arte Moderna.

Levaremos o livro para a sala de aula para que os alunos tenham contato com a obra física. Enquanto os alunos folheiam o livro, perguntaremos a respeito do título:

- O que esse título sugere?
- Já ouviram essas palavras anteriormente?
- Apresentaremos versões da capa.

Pensaremos junto com os alunos no significado das palavras e quais expectativas elas nos trazem a respeito do livro. Direcionaremos a discussão para um caminho que leve os alunos a pensarem em “Pauliceia” como uma palavra derivada de “São Paulo” ou “paulista”, e “desvairada” como sinônimo de “loucura”, “incoerência”, “algo fora de si”. Considerando o contexto que estudamos até então, instigaremos a reflexão dos alunos sobre possíveis aspectos que Mário trata nesse livro.

Para elucidar o contexto social da cidade de São Paulo, faremos a leitura de quatro poemas de Mário. Em seguida, discutiremos sobre seu sentimento em relação a sua cidade natal. São eles:

- Inspiração (p.33/ 43),
- Paisagem nº 3 (p. 62/ 105),
- Os cortejos (p. 35),
- Tietê (p. 42).

Projetaremos, através do *datashow*, o livro *Paulicéia Desvairada*, o mesmo exemplar que compartilhamos com os estudantes via *Moodle*, para que a turma acompanhe a leitura.

Explicaremos, neste momento, que a atividade final do nosso período de regência será a releitura de um desses poemas. Deixaremos claro para a turma que a atividade se dará da seguinte forma: em sete trios e um quarteto, cada grupo ficará responsável por fazer a releitura de um poema, que será definido por meio de sorteio. A releitura deverá ser feita em formato de um manifesto ou conto que dialogue com o poema em questão, considerando a temática principal e as interpretações que os alunos tiveram acerca do poema trabalhado. Informaremos, também, que a aula final será destinada à socialização das produções.

Após a leitura e a discussão dos poemas, faremos perguntas como:

- Que impressões o eu lírico tem da cidade onde vive?
[caso os estudantes não se recordem o que é o eu lírico, será feita uma abordagem rápida durante a aula]
- Que tipo de sentimento ele demonstra?
- A linguagem usada é de fácil compreensão?

É importante que os alunos notem o sentimento regionalista de Mário, através do que o eu lírico expressa pela cidade, além de trazerem suas interpretações dos poemas. Alguns pontos dos poemas que devem ser mencionados, senão pelos alunos, pelas estagiárias, são:

1. Poema *Inspiração*: canta a cidade de São Paulo com ar de nostalgia. Apresenta uma São Paulo dinâmica, urbana, inquieta, em movimento. Compara com grandes metrópoles (verso “*Perfume de Paris... Arys!*”). Contraste com os jogos de palavras (“*Cinza e ouro... luz e bruma...forno e inverno morno...*”), que ilustram a variação de temperatura, comportamento e estado de espírito. Primeiro espaço que aparece no livro: *Trianon* (atual MASP), antigo clube frequentado pela aristocracia, local de encontro para trocas de ideias entre intelectuais. Fantasia do *Arlequim* adjetivando a cidade e a voz poética. “*Trajes de losango...*” remetem às calçadas da capital paulista. Aspecto linguístico: uso de reticências, como se o eu lírico ficasse sem palavras, não finalizando seus pensamentos, estando imerso na nostalgia do passado.
2. Poema *Paisagem n° 3*: descreve São Paulo com chuvas finas e cores cinzas, fazendo menção à poluição trazida pela urbanização. Traz um ar caótico e o contraste presente na capital (“*sorri uma garoa de cinza*” e “*um raio de sol*”).

arisco risca o chuvisco ao meio”).

3. Poema *Os cortejos*: referência à diversidade populacional da cidade de São Paulo na década de 1920. Fala sobre as multidões. Crítica às condições de vida nos centros urbanos em que o crescimento da cidade em que a beleza e o sonho não têm lugar. Explosão do individualismo e perda do sentimento de coletividade. Sentimento entediante do eu lírico sobre como enxerga a cidade (“*monotonia das minhas retinas...*”), o quanto as coisas (rotina, cidade) se repetem e parecem iguais, sem mudar nunca. Homens iguais em carne, mas diferentes em classes sociais. Ausência de referência de lugar de memória intensifica o tom de melancolia e revolta (“*nada de poesia, nada de alegria!*”). Comparação irônica com macacos.
4. Poema *Tietê*: expressa lugares de memória específicos, remete às origens de São Paulo e à cidade da década de 1920. Caráter ambíguo: referência aos Bandeirantes que simbolizam a independência paulista em relação à Portugal, ao mesmo tempo em que apresenta uma ação violenta contra outro elemento da identidade nacional, o índio. Os trechos “*monções de ambição*”, “*abismal descaminho*”, “*santificações da morte*”, marcam a figura do Bandeirante na visão da voz poética, um libertário e um assassino. “*Ritmos de Brecheret!...*” autor da obra *Monumento às Bandeiras*, que faz referência aos bandeirantes e às populações que ajudaram a construir São Paulo. Conforme o poema vai sendo escrito, São Paulo vai se atualizando e se tornando mais híbrida, como se os imigrantes italianos tomassem conta da cidade. Ambivalência entre velho e novo.

Para finalizar a aula, solicitaremos que façam a leitura do artigo “*Paranóia ou Mistificação?*”, de Monteiro Lobato, a respeito da exposição de Anita Malfatti, que será tema de discussão da próxima aula. Durante a leitura extraclasse, deverão se atentar para as críticas, adjetivos e comentários que Lobato faz ao trabalho de Anita Malfatti para debatermos oralmente na aula seguinte.

Recursos didáticos:

- Computador com acesso à internet;
- Projetor multimídia;
- Livro *Pauliceia Desvairada*;

- *Paranóia ou Mistificação?* impresso.

Avaliação:

- Participação e interação nas discussões;
- Postagem e interação no fórum.

Referências:

ALAMBERT, Francisco. **A semana de 22: A aventura modernista no Brasil**. São Paulo: Editora Scipione. 2ª edição.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e Modernismo brasileiro**. Apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 21. ed. José Olympio: Rio de Janeiro, 2022.

ANDRADE, Mário de. **Pauliceia Desvairada**. 3. ed. Jandira, SP: Principis, 2019.

LOBATO, Monteiro. *Paranoia ou Mistificação?*. São Paulo: O Estado de São Paulo. 20/Dez/1917. Disponível em:

<<https://www.policiamilitar.mg.gov.br/conteudoportal/uploadFCK/ctpmbarbacena/30052017072404618.pdf>> Acesso em 25 de maio de 2022.

PLANO DE AULA IV

Tema: *Paranóia ou Mistificação?*: o “cancelamento” de Anita Malfatti por Monteiro Lobato.

Objetivo Geral:

Apresentar aos estudantes o lado preconceituoso identificado nas obras do escritor Monteiro Lobato e discutir sobre sua importância para a realização da Semana de Arte Moderna, bem como a publicação do *Prefácio Interessantíssimo*, de Mário de Andrade.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer o lado crítico e conservador de Monteiro Lobato;

- Refletir sobre os aspectos conservadores que eram contrários ao modernismo;
- Refletir sobre como esses mesmos aspectos impulsionaram a realização da Semana de 1922.

Conhecimentos abordados:

- Crítica conservadora de Monteiro Lobato à exposição de Anita Malfatti;
- Aspectos conservadores e sua relação com o modernismo.

Metodologia:

10:30 - 10:40 - Retomada da aula anterior e as principais características de Mário de Andrade em alguns poemas lidos de *Pauliceia Desvairada*.

10:40 - 10:50 - Comentar que, caso a turma não tenha percebido, o livro de Mário de Andrade é composto por um prefácio, que também é considerado um manifesto do modernismo, assim como vimos anteriormente nas vanguardas europeias. Como ele será tema das próximas aulas, primeiro é importante comentarmos sobre a figura que contribuiu para que o prefácio existisse: Monteiro Lobato.

10:50 - 11:10 - Sabemos que, anteriormente, a turma realizou exercícios do Livro Didático sobre a figura de Monteiro Lobato como criador do *Jeca Tatu*. Nesta aula, incitaremos os estudantes a refletir sobre o artigo que Lobato publicou criticando a exposição de Anita Malfatti, denotando uma versão crítica, conservadora que dialogue com o caráter racista e determinista do escritor abordado no Livro Didático.. Perguntaremos aos alunos sobre as impressões que tiveram e possíveis comentários que tenham a fazer sobre o autor ou o artigo. Citaremos e comentaremos, com os alunos, a personalidade influenciadora de Monteiro Lobato. Muito além de escritor infantil, Lobato era também editor, tradutor e crítico literário. Projetaremos imagens da exposição de Anita Malfatti enquanto abordamos alguns pontos da crítica de Lobato. Daremos preferência aos comentários trazidos pelos alunos, mas as discussões devem considerar:

1. Lobato afirma a existência de duas espécies de artistas: normais (clássicos, cita Rafael Sanzio, Auguste Rodin) e anormais (decadentes, cita os vanguardistas);
2. Deixa claro seu desprezo por artistas modernistas, comparando pinturas com quadros feitos em hospitais psiquiátricos;

“A única diferença reside em que nos manicômios esta arte é sincera, produto ilógico de cérebros transtornados pelas mais estranhas psicoses.”

3. Reconhece o talento de Malfatti, dizendo ser “inventiva”, “original”, “fora do comum”, mas também diz que ela foi “seduzida pelas teorias do que ela chama de arte moderna”;
4. Machismo: “apenas uma ‘moça que pinta’”, sem grandes talentos, não seria “merecedora da alta homenagem que é tomar a sério o seu talento dando a respeito da sua arte uma opinião sinceríssima”. Para ele, “os homens o vezo de não tomar a sério as mulheres. Essa é a razão de lhes darem sempre amabilidades quando elas pedem opinião.”
5. Conclui acreditando estar fazendo um favor à Malfatti, afirmando que o “verdadeiro amigo de um artista não é aquele que o entontece de louvores, e sim o que lhe dá uma opinião sincera, embora dura”;
6. Repercussão e influência de Lobato na sociedade: telas que tinham sido vendidas foram devolvidas após a publicação da crítica.

Após as discussões e reflexões sobre a crítica de Lobato, será enfatizada sua importância intelectual, o que fez com que Mário de Andrade escrevesse o “*Prefácio Interessantíssimo*” de *Pauliceia Desvairada*, a pedido de Lobato, que, não entendendo as intenções de Mário, pediu que escrevesse uma espécie de explicação do livro. Finalizaremos a aula informando que esse será o tema do próximo encontro.

Recursos didáticos:

- Computador com acesso à internet;
- Projetor multimídia;
- Imagens retiradas da internet da exposição de Anita Malfatti;
- Trechos do artigo de Monteiro Lobato.

Avaliação:

- Participação na aula.

Referências:

ANDRADE, Mário de. *Pauliceia Desvairada*. 3. ed. Jandira, SP: Principis, 2019.

LOBATO, Monteiro. Paranoia ou Mistificação?. São Paulo: O Estado de São Paulo 20/Dez/1917. Site com exposições de Anita Malfatti: <https://www.google.com/url?q=https://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento238102/exposicao-de-pintura-moderna-anita-malfatti&sa=D&source=docs&ust=1653569770724031&usg=AOvYaw33l3zFS1QYCT6BmsQwtWKw>.

PLANO DE AULA V

Tema: Trabalhando com o *Prefácio Interessantíssimo*.

Objetivo Geral:

Apresentar e analisar o *Prefácio Interessantíssimo* buscando entender as características e pensamentos do escritor.

Objetivos Específicos:

- Compreender alguns pontos do prefácio de Mário de Andrade que revelam suas características e pensamentos;
- Relacionar trechos do prefácio que comprovem os ideais de Mário;
- Relacionar os ideais e características do autor nos poemas que escreveu.

Metodologia:

10:30 - 10:45 - Iniciaremos a aula retomando a aula anterior, resumindo os pontos que comentamos sobre Monteiro Lobato e sua influência no mundo intelectual. Relembraremos, também, os poemas de Mário de Andrade trabalhados na Aula 3, para, assim, adentrarmos em alguns aspectos do *Prefácio Interessantíssimo*. Projetaremos o livro em pdf para que todos possam acompanhar a leitura dos trechos selecionados do prefácio.

10:45 - 11:40 - Com o livro projetado em pdf, falaremos brevemente sobre características do prefácio que, apesar de não trazer data, há uma carta, de dezembro de 1921, que o antecede, supondo que tenha sido escrito neste mesmo período. Considerado um manifesto, o *Prefácio Interessantíssimo*, contribui para a compreensão do que foi o movimento modernista no Brasil. Lá estão escritas condições consideradas inovadoras, contrárias às práticas tradicionais, para a produção da poesia: deve ser livre, sem pensar em estética e nem métrica, deve nascer por impulso, como resultado de tudo o que se passa na cabeça do autor e

deve ser materializado em palavras. Citaremos também as críticas aos burgueses e a valorização da cultura nacional.

Faremos a leitura com os alunos do primeiro trecho do prefácio:

“Leitor: Está fundado o Desvairismo. Este prefácio, apesar de interessante, inútil. Alguns dados. Nem todos. Sem conclusões. Para quem me aceita são inúteis ambos. Os curiosos terão prazer em descobrir minhas conclusões, confrontando obra e dados. Para quem me rejeita trabalho perdido explicar o que, antes de ler, já não aceitou. Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo o que meu inconsciente me grita. Penso depois: não só para corrigir, como para justificar o que escrevi. Daí a razão deste Prefácio Interessantíssimo.” (p. 9 e 10) (parágrafos 01-04)

Questionaremos os alunos sobre suas impressões e interpretações do trecho lido. Algumas considerações a serem instigadas:

- Dados biográficos de Mário também são revelados no prefácio: com um ar “cheio de si”, Mário já rimava e metrificava desde os dez anos de idade. Através do poema “Artista” revela seu desejo de ser pintor e comenta sobre os desenhos que fazia acerca das cidades históricas de Minas Gerais. Características essas que o levam para além da poesia:

“Perto de dez anos metrifiquei. Exemplo?” (Ler poema “Artista”, p. 11) (parágrafo 10)

- Caráter irônico de Mário em relação às obras que possuem uma apresentação inicial considerada fundamental para a compreensão da obra. Ainda assim, ele também faz e com caráter de complemento:

“Mas todo este prefácio, com todo o disparate das teorias que contém, não vale coisíssima nenhuma. Quando escrevi Paulicéia Desvairada não pensei em nada disto. Garanto porém que chorei, que cantei, que ri, que berrei, .. Eu vivo!” (p. 28) (parágrafo 61)

- Demonstra repúdio às escolas de arte, às normas e preceitos a serem seguidos.

“Livro evidentemente impressionista. Ora, segundo modernos, erro grave o Impressionismo.” (p. 10) (parágrafo 7)

“Não sou futurista (de Marinetti). Disse e repito: tenho pontos e contacto com o futurismo. Oswald de Andrade. chamando-me de futurista. errou. A culpa é minha. Sabia da existência do artigo e deixei que saísse. Tal foi o escândalo que desejei a morte do mundo.” (p. 12) (parágrafo 12).

- Escrita do prefácio a pedido de Monteiro Lobato que, ao ler sua poesia, teve dúvidas, não entendeu o que Mário pretendia. O intuito era que o prefácio fosse uma explicação do novo modelo de escrita e arte que Mário propunha. Se tivesse o desejo de criar ou seguir uma escola de arte seria o “Farolismo”, pois seu desejo era *alumiar*;

“Quando uma das poesias deste livro foi publicada, muita gente me disse: “Não entendi”. Pessoas houve porém que confessaram: “Entendi, mas não senti”. Os meus amigos ... percebi mais de uma vez que sentiam, mas não entendiam. Evidentemente meu livro é bom. Escritor de nome disse dos meus amigos e de mim que ou éramos gênios ou bestas. Acho que tem razão. Sentimos, tanto eu como meu amigos, o anseio do farol. Se fôssemos tão carneiro. a ponto de termos escola coletiva, esta seria por certo o “Farolismo”. Nosso desejo: alumiar. A extrema-esquerda em que nos colocamos não permite meio-termo, Si gênios: indicaremos o caminho a seguir; bestas: naufrágios por evitar.” (p. 27) (parágrafos 57 e 58)

- Mário reafirma neste último parágrafo seu desejo de não seguir escolas, mas defender uma poesia livre. Se fundasse uma escola, o “Desvairismo”, só teria ele como seguidor, como louco: marginalizado na sociedade, o louco é a figura do divergente. Mário toma para si essa classificação porque só assim é possível que haja liberdade, distanciando-se de quaisquer convenções sociais, das escolas anteriores.

“Minhas reivindicações? Liberdade. Uso dela; não abuso, Sei embridá-la nas minhas verdades filosóficas e religiosas; porque verdades filosóficas, religiosas, não são convencionais como a Arte, são “verdades. Tanto não

abuso! Não pretendo obrigar ninguém a seguir-me. Costumo andar sozinho.” (p. 18) (parágrafo 32)

“... Maomé apresentava-se como profeta; julguei mais conveniente apresentar-me como louco.” (p. 11) (parágrafo 8)

Por fim, falaremos brevemente sobre a organização do prefácio Introdução (justificativa, parágrafos 01 - 15), Desenvolvimento (elementos da poética e retórica e relação entre música e poesia) e Conclusão (retomada dos temas e confirmação da proposição inicial). Faremos a leitura da parte final do prefácio e conduziremos o restante da aula a partir dos comentários trazidos pelos alunos:

“Está acabada a escola poética “Desvairismo”. Próximo livro fundarei outra. E não quero discípulos. Em arte: escola = imbecilidade de muitos para vaidade dum só.” (p. 28 e 29) (parágrafos 63 - 65)

11:40 - 11:50 - Nos minutos finais da aula, retomaremos as orientações da atividade a ser realizada pelos alunos nesta última etapa. Em sete trios e um quarteto, deverão realizar a reescrita de um dos poemas trabalhados anteriormente, na Aula 3. Dentre as possibilidades, os alunos deverão escolher uma das opções:

- Escrever um manifesto, com extensão de uma folha, podendo ser em forma de paródia sobre o poema lido;
- Escrever uma resposta ao eu lírico do poema;
- Transformar o poema em um conto, já que trabalharam anteriormente com o livro de Júlia Lopes de Almeida.

A atividade deverá ser postada no *Moodle* até a próxima aula. Nele, constarão as orientações para a realização da atividade, bem como o prazo de entrega.

Recursos didáticos:

- Computador com acesso à internet;
- Projetor multimídia;
- Trechos do Prefácio Interessantíssimo.

Avaliação:

- Participação na aula.

Referências:

ANDRADE, Mário de. *Pauliceia Desvairada*. 3. ed. Jandira, SP: Principis, 2019.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e Modernismo brasileiro**. Apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 21. ed. José Olympio: Rio de Janeiro, 2022.

PLANO DE AULA VI

Tema: Tira-dúvidas da atividade de releitura.

Objetivo Geral:

Acompanhar as produções dos alunos e sugerir melhorias/tirar dúvidas.

Objetivo Específico:

Compartilhar experiências no contato com os poemas de Mário de Andrade e reescrever/melhorar a produção da atividade de releitura.

Metodologia:

10:30 - 10:45 - Retomada da aula anterior. Citaremos aspectos importantes que vimos anteriormente na obra de Mário de Andrade e esclareceremos/discutiremos dúvidas e comentários que possam surgir.

10:45 - 11:10 - Com as atividades feitas ou já sendo desenvolvidas, os alunos terão esse espaço da aula para esclarecer dúvidas ou terminarem suas produções. As estagiárias se dividirão para atender e acompanhar as produções dos grupos, contribuindo com sugestões e direcionamentos para a finalização da atividade.

Recursos didáticos:

- Atividades dos alunos.

Avaliação:

- Realização da atividade proposta;
- Interação na aula.

Referências:

ANDRADE, Mário de. *Pauliceia Desvairada*. 3. ed. Jandira, SP: Principis, 2019.

PLANO DE AULA VII

Tema: Apresentação do trabalho final no Laboratório de Linguagens.

Objetivo Geral:

Socializar as produções dos alunos com a turma.

Objetivo Específico:

Compartilhar experiências de produção do trabalho final e apresentar o resultado para os demais grupos.

Metodologia:

10:30 - 10:35 - Recepcionar os estudantes no Laboratório de Linguagens, eles terão 5min para se organizar.

10:35 - 11:50 - Início das apresentações pontualmente às 10h35min visando garantir que cada trabalho tenha no mínimo 5 minutos para ser apresentado, serão 7 trios e 1 quarteto.

Recursos didáticos:

- Computador com acesso à internet;
- Projetor multimídia;

Avaliação:

- Apresentação do trabalho final

Referências:

ANDRADE, Mário de. *Pauliceia Desvairada*. 3. ed. Jandira, SP: Principis, 2019.

2 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA E ANÁLISE DA PRÁTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO

"Na ausência do outro, o homem não se constrói homem".
(VYGOTSKY, L. S. A Formação social da mente. 2002, p. 235)

A teoria de aprendizagem de Vygotsky enfatiza a importância das relações sociais no desenvolvimento intelectual, tendo a sua formação, relação direta entre sujeito e sociedade ao qual está inserido. Durante a nossa experiência na disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura percebemos que é impossível isolar o processo de docência apenas à sala de aula. Mesmo sendo um processo que se inicia a partir dela, acaba se estendendo a posteriori para as reuniões, sala dos professores e até mesmo para ambientes virtuais (*e-mails/* redes sociais); fazem parte deste processo, além dos estudantes e professores as demais áreas de suporte, como por exemplo, o diretor e o vice-diretor, a bibliotecária, as assistentes de inspetoria e demais áreas que complementam e propiciam um ambiente de experiências e aprendizagem que auxiliam o desenvolvimento contínuo de todos, desde a comunidade interna à comunidade externa do espaço escolar. Nesta seção tivemos o desafio de refletir e analisar a prática docente nos valendo dos pressupostos teóricos que aprendemos no decorrer da licenciatura em Letras-Português, para assim ancorarmos o nosso projeto, considerando um exame minucioso, imparcial e coerente com o que foi experienciado durante a disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II, que teve início a partir da observação das aulas de Língua Portuguesa do professor Dr. George França, passando para uma interação das estagiárias com os estudantes e culminando em: "A Semana de Arte Moderna e os Impactos Modernistas: um olhar a partir da obra *Paulicéia Desvairada* de Mário de Andrade".

A docência requer, além de conhecimento prévio, preparo e coragem, sim - coragem para encarar os estudantes como iguais e enfrentar de frente o nosso maior receio, receio esse que permeou toda nossa experiência, que foi: Será que a proposta terá aderência dos estudantes?. Durante este capítulo detalharemos a nossa jornada como professoras-estagiárias do 3º ano C.

Iniciamos com a observação das aulas do professor regente e, para a nossa alegria e entusiasmo, os estudantes eram comprometidos e participativos. O George tinha o papel de professor mediador (Vygotsky, 1998) e o tema das discussões eram abordados inicialmente pelos alunos e posteriormente explicado ou complementado pelo professor, pois “compartilhar o texto e a leitura dele, seja o professor com os alunos, seja os alunos com o

professor, seja os alunos com os colegas, seja o professor e os alunos com outros leitores externos à turma” COSSON (p. 20) é essencial para que se mantenha os estudantes interessados e torne-os questionadores. As discussões ocorriam em torno de temas abordados nos contos do livro *Ânsia Eterna*, de Júlia Lopes de Almeida, da coleção Escritoras do Brasil. Contudo, o que inicialmente gerou entusiasmo, se transformou em receio, pois o desafio era desenvolver aulas tão participativas e dinâmicas quanto as aulas do George, visando manter o mesmo nível de engajamento dos estudantes. O período de observação nos possibilitou conhecer a forma de atuação do George e o potencial dos estudantes, também tivemos a oportunidade de iniciar o contato com algum deles, processo esse que nos fez ir desenvolvendo maior confiança e aos poucos normalizar e internalizar a experiência de docência.

O projeto "A Semana de Arte Moderna e os Impactos Modernistas: um olhar a partir da obra *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade" teve como objetivo desenvolver o senso crítico e analítico sobre os aspectos históricos, políticos e sociais que contribuíram para a criação e estiveram presentes nas obras modernistas, além de trabalhar a oralidade, pesquisa, escrita, releitura, leitura e escuta. Podemos dividir a proposta em duas etapas. A primeira delas corresponde a uma *Contextualização histórica e Movimento Modernista no Brasil*, em que apresentamos um panorama dos acontecimentos do mundo; foco na cidade de São Paulo (por ter sediado a Semana de Arte Moderna de 1922); visão geral da importância e os impactos sociais gerados pelo movimento. A segunda etapa corresponde a *Apresentação do autor e da obra*, momento que trouxemos pontos importantes relacionados à vida e obra de Mário de Andrade, além de citar brevemente outros escritores que estiveram em evidência durante o movimento, como o Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e Menotti del Picchia. Com isso, visamos facilitar a compreensão dos poemas “Inspiração”, “Paisagem n. 3”, “Os Cortejos” e “Tietê”, já que esses foram os poemas base para a produção da releitura dos estudantes.

Concluimos o nosso estágio com a produção de uma releitura em formato de poesia ou conto, baseado nos quatro poemas trabalhados em sala de aula, que, posteriormente, acarretou na exposição “Paulicéia Desvairada no CA” que aconteceu no Espaço Estético do Colégio de Aplicação, do dia 06 ao dia 15 de julho, aberto à comunidade escolar e que contou com a produção das quatro turmas de 3º ano do Ensino Médio.

Visando manter o alto engajamento dos estudantes, fizemos uma apresentação inicial via *Moodle* no dia 03/06, avisamos sobre a abertura do fórum - pesquisa, orientamos que fizessem uma pesquisa sobre a Comemoração do Centenário da Semana de Arte Moderna de

1922, juntamente com um comentário crítico sobre o tema e uma obra de arte do período. No dia 07/06, 1º dia em sala de aula como professoras-estagiárias, iniciamos com a apresentação do projeto e cronograma das aulas; seguindo para a Comemoração do Centenário de 1922 e a declamação online do poema “Os Sapos” de Manuel Bandeira (poema declamado entre vovós da platéia durante a Semana de Arte Moderna); utilizamos os poemas “Língua Portuguesa” de Olavo Bilac, representando a escrita parnasiana e “Erros de Português” de Oswald de Andrade, representando o modernismo; apresentamos as obras enviadas pelos estudantes no fórum com o trecho dos comentários postados - com receio de se sentirem envergonhados pela exposição das suas publicações, não os identificamos, contudo eles se animaram ao se verem no centro do processo de ensino-aprendizagem e faziam questão de se identificar para os demais estudantes conforme íamos apresentando as obras - e finalizamos a aula com algumas perguntas sobre o processo de pesquisa e o conteúdo abordado.

Ao finalizarmos a primeira aula seguimos para a sala dos professores, além de recebermos um feedback positivo sobre o material de apoio desenvolvido por nós, fomos orientadas a retomar o poema “Os Sapos” de Manuel Bandeira - como o poema foi apenas declamado, não ficou evidente se foi realmente compreendido pelos estudantes e fomos orientadas a trazer o poema escrito, “Língua Portuguesa” de Olavo Bilac e “Erros de Português” - como ambos os poemas possuem detalhes que não tivemos tempo hábil de explorar, fomos orientadas a retomá-los e explicar os detalhes que não estavam explícitos.

No dia 08/06 iniciamos a aula retomando os poemas “Os Sapos”, de Manuel Bandeira, “Língua Portuguesa”, de Olavo Bilac e “Erros de Português”, de Oswald de Andrade, fizemos a leitura e análise individual de cada poema com os estudantes, trazendo à luz detalhes que não havíamos abordado na aula anterior; introduzimos as Vanguardas europeias após contextualizar historicamente os principais acontecimentos de 1922; seguindo para a apresentação dos movimentos artísticos (Futurismo, Expressionismo, Cubismo, Dadaísmo e Surrealismo); finalizamos a aula solicitando uma mapa mental sobre vanguardas europeias com entrega no dia seguinte.

No dia 09/06 recapitulamos o contexto histórico e as vanguardas europeias por meio do mapa mental solicitado na aula anterior, tendo a atividade 100% de aderência, alguns estudantes optaram por entregar impresso e outros via *Moodle*; seguimos para uma atividade em sala aula - os estudantes deveriam relacionar a obra com o movimento artístico ao qual ela pertence e citar algumas características como justificativa; passamos para a apresentação do autor Mário de Andrade e suas obras 1. Há uma gota de sangue em cada poema de 1917: primeiro livro do autor o qual assinou com o pseudônimo Mário Sobral, 2. Pauliceia

Desvairada de 1922: enfatizando a importância do livro para a Semana de Arte Moderna e 3. Macunaíma 1928: em que temos um anti-herói com características tão plural quanto às diferenças culturais que temos no país; fizemos a leitura e análise dos poemas Inspiração, Paisagem n. 3; nos minutos finais entregamos e orientamos a leitura do Manifesto Paranoia ou Mistificação de escrito por Monteiro Lobato sobre a exposição de arte de Anita Malfatti.

Devido as discussões durante a atividade de relacionar e a análise dos dois primeiros poemas, não tivemos tempo hábil para concluir as análises, ficando para a próxima aula os dois últimos poemas.

No dia 14/06 iniciamos a aula lembrando os estudantes sobre a produção de uma releitura dos poemas trabalhados e liberamos no *Moodle* a lista dos grupos e o poema que deveriam utilizar como referência para as suas produções; reapresentamos pontos importantes sobre o autor Mário de Andrade e o livro Paulicéia Desvairada; fizemos uma segunda leitura dos poemas Inspiração e Paisagem n. 3 lembrando a análise feita na aula anterior e finalizamos a aula com a leitura e análise do poema Os Cortejos.

Novamente tivemos um atraso no plano de aula, ficando pendente para a próxima aula a análise do poema Tietê.

No dia 15/06, como já havíamos trabalhado bem os 3 primeiros poemas, iniciamos a aula a partir da leitura e análise do poema Tietê; abordamos as dificuldades vivenciadas pelas mulheres modernistas e o machismo da época; apresentamos superficialmente o escritor Monteiro Lobato e a artista Anita Malfatti; fizemos a leitura do manifesto na sala de aula, em voz alta revezando a leitura dos trechos entre os estudantes e as estagiárias; ao final da aula repassamos os detalhes do trabalho final.

O manifesto havia sido entregue para os estudantes em 09/06 e disponibilizado via *Moodle*, junto com os manifestos Dadaísta, Surrealista, Cubista e Futurista. Devido ao feriado de Corpus Christi, não tivemos aula no dia 16/06 e deixamos como atividade extraclasse a produção da primeira versão da releitura, com entrega para 19/06 até às 16h.

No dia 21/06 reservamos a aula para que os estudantes tivessem a possibilidade de reescrever e/ou complementar as suas produções, todas as atividades foram entregues na data constando feedback de melhoria, além de orientá-los quanto a necessidade de produzirem algum material para a apresentação no dia seguinte. Apenas dois grupos não conseguiram atingir o objetivo proposto, tendo o G1 mantido a segunda parte conforme à original e o G2, que plagiou completamente a produção se valendo de trechos de análise sobre o poema que assumiram terem retirado da internet. Conversamos isoladamente com ambos os grupos

esclarecendo a falha que havia em suas produções e direcionando-os para a reescrita parcial/completa da releitura.

Por fim, no dia 22/06 tivemos o nosso último dia como professoras-estagiárias, havíamos planejado uma aula no Laboratório de Linguagens, com uma fala de encerramento proferida pela Jéssica e a entrega de bombons feita pela Gislene, contudo, a instituição precisou utilizar o Laboratório de Linguagens na data e tivemos que fazer as apresentações em sala de aula. A apresentação e a experiência que planejamos para os estudantes não foi a que gostaríamos, entretanto, ficamos satisfeitas ao perceber o interesse e comprometimento para com todas as atividades que propusemos, a criatividade na criação do material de apoio e as releituras. Cada grupo teve 5 minutos para apresentar, explicar o processo criativo e responder algumas perguntas advindas de outros estudantes, das professoras-estagiárias e/ ou do professor regente da matéria, ao decorrer do dia os estudantes postaram o material desenvolvido via *Moodle*.

3 VIVÊNCIAS DO FAZER DOCENTE NO ESPAÇO ESCOLAR

3.1 CONSELHO DE CLASSE PARTICIPATIVO

No dia 24 de maio aconteceu o Conselho de Classe Participativo da turma 3C. O conselho contou com a presença apenas da Coordenadora (que também é professora de Matemática deles), Orientadora Pedagógica e o professor George, de português. Como foram avisados com antecedência, a turma ficou responsável por apresentar os pontos em que estavam tendo dificuldades ou que poderiam melhorar durante as aulas de todas as disciplinas.

Por meio da líder da turma, os estudantes reclamaram da falta de prazo de alguns professores para entregarem atividades, conteúdo insuficiente para a realização das tarefas e excesso de slides (professores que utilizam slides como foco da aula, e não como recurso de apoio). Em geral, não tinham muitos apontamentos a fazer, com exceção da relação com a turma de um professor de determinada disciplina que estava afetando o aproveitamento da matéria. Contudo, como este professor não estava presente, a coordenação, juntamente com a orientação pedagógica, ficou de marcar uma reunião para entender os conflitos e solucioná-los junto com os discentes, já que a reclamação era unânime. Os alunos se demonstraram bastante insatisfeitos com o descaso dos professores das outras disciplinas que não estavam presentes no conselho, pois sentiam que esse era o momento de serem ouvidos.

Em contrapartida, os professores presentes no conselho não tinham reclamações sobre a turma. Foram considerados alunos muito bons de se trabalhar, participativos, interessados, maduros e sem grandes dificuldades de relacionamento. Pudemos perceber que é uma relação mútua: os alunos têm um bom relacionamento com os professores e os professores não têm grandes apontamentos a fazer.

3.2 EXPOSIÇÃO DOS ALUNOS - *PAULICÉIA DESVAIRADA NO CA*

No dia 06 de julho, já findado nosso período de regência e dos demais colegas de estágio, aconteceu a exposição dos alunos dos terceiros anos do Colégio de Aplicação, que tinha como tema o livro *Paulicéia Desvairada* trabalhado por todas as quatro turmas de terceiros anos nesse período de estágio-docente.

Intitulada “Paulicéia Desvairada no CA”, a exposição aconteceu no Espaço Estético do Colégio de Aplicação, dos dias 06 ao 15 de julho e aberto à comunidade escolar, contou com trabalhos dos mais variados tipos: na turma 3A, os estudantes utilizaram a figura de

Mário de Andrade como personagem de várias narrativas e ficções, incluindo até mesmo uma entrevista em no formato *talk show* para o *youtube*; na 3B, a turma confeccionou um jornal literário, que continha desde entrevista e biografia até uma receita culinária da família de Mário; na 3C, turma em que fomos regentes, os alunos produziram releituras dos poemas de *Paulicéia Desvairada*, assim como aparece na descrição do projeto de docência e, por fim, na 3D, os alunos escreveram sobre questões que os angustiam atualmente por meio dos manifestos.

Para complementar visualmente a exposição “Paulicéia Desvairada no CA”, os estudantes, junto com o professor George, buscaram recriar poemas da Paulicéia que não foram trabalhados anteriormente por nós, estagiários. Desta forma, a leitura de um texto foi sucedida por uma interpretação visual, transcrevendo o poema em forma de imagem. Os registros desses trabalhos encontram-se anexados neste relatório.

3.3 ANÁLISE E REFLEXÃO DAS ATIVIDADES VIVENCIADAS

Apesar de não termos desenvolvido nenhuma atividade específica como componente extraclasse - já que a ideia da exposição surgiu quando já estávamos finalizando nosso período de regência - ter participado tanto do conselho de classe participativo quanto da exposição dos trabalhos dos alunos, nos fez perceber o quanto é importante e gratificante para o estudante ter um espaço onde possa ser ouvido como sujeito maduro e consciente de seu papel e ser reconhecido através dos trabalhos que desenvolveu por meio de seu conhecimento e com a mediação do professor e ajuda dos colegas. Em ambas atividades, pudemos perceber como os alunos se enquadram na concepção de Geraldi (2015) sobre *sujeitos constituídos* por interações e vivência que o constroem, pois querem ser reconhecidos como protagonistas em sua vida escolar.

Ao longo da BNCC, podemos ver diversas menções a esse “protagonismo” enfatizando o quanto é importante que o aluno compreenda o sentido daquilo que aprende e a relação que isso tem com a realidade. Em um dos trabalhos presentes na exposição, por exemplo, um grupo de alunas fez a releitura do poema *Tietê*, de Mário de Andrade, abordando a questão da fome na cidade de São Paulo. Acreditamos que promover o protagonismo e autonomia do aluno em seu processo de aprendizagem, fazendo com que agencie os conhecimentos que já possui com aqueles trazidos e mediados pelo docente, contribui para que o estudante exerça papel central em sua própria aprendizagem, aprendendo a resolver melhor os problemas e aplicar seus conhecimentos dentro e fora da escola.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da elaboração e aplicação do projeto de docência “A semana de arte moderna e os impactos modernistas: um olhar a partir da obra ‘*Paulicéia Desvairada*’, de Mário de Andrade, realizado com a turma do 3º ano C do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC, que possibilitou aos alunos conhecimentos e reflexões sobre o movimento modernista brasileiro e análises de poemas de Mário de Andrade, concluímos o estágio supervisionado satisfeitas com nosso desempenho e com o retorno que tivemos dos alunos durante a regência.

Pudemos perceber o quanto é trabalhoso pensar e planejar aulas, considerando o tempo de dedicação extraclasse para o planejamento e estudo do conteúdo que será aplicado em sala. Mais do que simplesmente apresentar slides ou realizar atividades de um livro didático, percebemos que é preciso uma junção de fatores para que uma aula aconteça e alcance seu propósito e que toda e qualquer ação docente tem uma explicação, um objetivo e um amparo teórico.

Consideramos que um ponto fundamental para a realização deste projeto de docência foi o período em que observamos a turma nas aulas do professor George. Admitimos que, por serem alunos muito engajados e interessados na disciplina, além do alto nível de criticidade que possuem, isso nos causou certo espanto (talvez por termos os subestimados ou por não termos tido contato efetivo com uma turma do EF no estágio anterior) e nos trouxe um desafio: como preparar aulas interessantes e que dessem conta de suprir toda a capacidade crítica e curiosa que os estudantes demonstraram nas aulas do professor George. Para isso, quase que de forma automática e natural, pensamos em atividades e formas metodológicas que seguissem o padrão do professor titular, fazendo com que os questionamentos e reflexões partissem dos alunos, para assim guiarmos nossas aulas. Com algumas trocas de experiências que tivemos com nossos colegas de estágio após nosso período de regência, percebemos o quanto um plano ou planejamento de aula depende muito da característica de cada turma: o que funciona para uma, pode não ter sucesso em outra.

Além disso, havíamos sido orientadas pela professora Isabela de que o plano de aula é um guia do professor, mas não necessariamente a aula deve se deter única e exclusivamente ao que está previsto nele. Vimos que é necessário tê-lo como recurso de segurança, mas que também as aulas têm potencial para ir além daquilo que planejamos, sendo a interação dos alunos e o conhecimento que parte deles essenciais para que isso aconteça, fazendo com que o

professor atue como mediador das reflexões, e não uma figura autoritária que detém todo o saber e transmite informações.

Refletimos, também, sobre todo o nosso trajeto durante a graduação e concluímos que o curso de Letras traz em seu currículo uma grande variedade de estudos teóricos, mas poucas disciplinas voltadas para a escola em si. Acreditamos que estudos literários e de teorias são fundamentais para nossa formação e contribuem substancialmente para nossa atuação em sala de aula, mas também defendemos que faltam aos estudantes de licenciatura mais oportunidades de vivenciar o dia a dia em uma sala de aula real.

Terminamos nossa vivência de estágio em uma turma de EM com uma mistura de sentimentos: dever cumprido, pois apesar da insegurança e das mudanças que aconteceram no meio do caminho, conseguimos abranger os conteúdos que pretendemos e tivemos um bom retorno dos alunos; nos sentimos privilegiadas, pois estagiamos em uma turma muito receptiva e comprometida, numa escola muito bem amparada em recursos, espaços físicos e corpo docente, além do professor George e a professora Isabela que se mostraram presentes a todo momento (inclusive em horários fora de aula) e sempre dispostos a nos orientar, nos transmitir confiança e acalmar nossos corações; e por último, sentimento de realização e empolgação em seguir na carreira docente, pois não há nada tão satisfatório quanto a troca de relações e conhecimentos existentes entre aluno e professor.

Concluímos, então, que através dos nossos anos de graduação efetivados durante o de estágio, nos consideramos preparadas e dispostas para seguir em formação contínua e atuar, de fato, como professoras de língua portuguesa e literatura.

5 REFERÊNCIAS

ANTUNES, Maria Irandé. *Aula de português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

DANIELS, H. *Literature circles: voice and choice in Books Clubs and Reading Groups*. 2 ed. Portland Maine: Stenhouse Publishers, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC, 2000. Acesso em: julho de 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs). *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: ática, 1999.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. 2ª ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. *Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola*. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (versão resumida). Florianópolis: Colégio de Aplicação/UFSC, 2019.

ROJO, R. H. R. *Entre plataformas, ODAs e protótipos: novos multiletramentos em tempos de WEB2*. *The Specialist*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 1-20, 2017.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução do francês de Michel Lahud e outros. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

SIM-SIM, Inês; VIANA, Fernanda Leopoldina – “*Para a avaliação do desempenho de leitura*”. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação, 2007. ISBN 978-972-614-417-5.

SOUZA, Ana Cláudia de. *O texto e a leitura*. In: *Estudos linguísticos I*. Curso de Licenciatura de Letras Espanhol na Modalidade a Distância. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2008. p. 76-105.

6 ANEXOS

6.1 ANEXO 1 – Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório de Gislene Aparecida Souza



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

DEPARTAMENTO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Endereço: 2º andar do prédio da Reitoria, Rua Sampaio Gonzaga, s/nº, Trindade - Florianópolis

Fone +55 (48) 3721-9446 / (48) 3271-9296 | <http://portal.estagios.ufsc.br> | dip.prograd@contato.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 2050078

O(A) Diretor(a) do Departamento de Integração Acadêmica e Profissional - DIP, Prof.(a) Alexandre Guilherme Lenzi de Oliveira, o(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) Nubia Saraiva Ferreira, representantes da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, como concedente e como instituição de ensino, respectivamente, e o(a) estagiário(a) Gislene Aparecida Souza, CPF 390.665.378-17, telefone (48) 99616-0606, e-mail souza.gi@hotmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 17207501 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUn/11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- Art. 1º:** O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e vinculado à disciplina MEN7002 - Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (252h/a)
- Art. 2º:** O(A) Prof.(a) Isabela Melim Borges, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).
- Art. 3º:** A jornada semanal de atividades será de 14.00 horas (com no máximo 4.00 horas diárias), a ser desenvolvida na UFSC, no(a) Colégio de Aplicação, de 11/04/2022 a 03/08/2022, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) George Luiz Franca.
- Art. 4º:** O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice N° 01820001901 da seguradora Gente Seguradora S.A. (CNPJ 90.180.605/0001-02).
- Art. 5º:** O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.
- Art. 6º:** O estagiário deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.
- Art. 7º:** O estágio poderá ser rescindido a qualquer tempo por meio de Termo de Rescisão, observado o recesso do qual trata o artigo 9º deste TCE.
- Art. 8º:** O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.
- Art. 9º:** O(A) estagiário(a) tem direito a 9 dias de recesso, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído durante a vigência do TCE ou pago em pecúnia ao estudante após sua rescisão.
- Art. 10º:** O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a UFSC, desde que observados os itens deste TCE.
- Art. 11º:** Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.
- Art. 12º:** As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 2050078

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Realização de pesquisa e estudo acerca das temáticas a serem desenvolvidas nas atividades relativas à docência em; língua portuguesa e literatura; Acompanhamento de aulas; Planejamento didático; Análise de matérias didáticas; Execução do; planejamento por meio da regência de classe; Elaboração e entrega do trabalho escrito final; Socialização da experiência de; estágio.

Local e Data:

Documento assinado digitalmente
Alexandre Guilherme Lenzi de Oliveira
Data: 25/04/2022 10:40:55-0300
CPF: 635.916.850-20
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>
Alexandre Guilherme Lenzi de Oliveira - Diretor(a) do DIP -
PROGRAD - UFSC

Isabela Melim Borges - Prof.(a) Orientador(a)


Documento assinado digitalmente
Isabela Melim Borges
Data: 21/04/2022 10:53:47-0300
CPF: 902.848.609-72
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Documento assinado digitalmente
Nubia Saraiva Ferreira Rech
Data: 28/04/2022 12:06:09-0300
CPF: 632.630.330-34
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>
rso - UFSC

Documento assinado digitalmente
George Luiz Franca
Data: 21/04/2022 09:05:14-0300
CPF: 009.593.659-90
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>
ágio

Documento assinado digitalmente
Gislene Aparecida Souza
Data: 21/04/2022 06:56:56-0300
CPF: 390.665.378-17
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

6.2 ANEXO 2 – Termo de Compromisso de Estágio Obrigatório de Jéssica Simas Ivakoski



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL
Endereço: 2º andar do prédio da Reitoria, Rua Sampaio Gonzaga, s/nº, Trindade - Florianópolis
Fone +55 (48) 3721-9446 / (48) 3271-9296 | <http://portal.estagios.ufsc.br> | dip.prograd@contato.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 2044432

O(A) Diretor(a) do Departamento de Integração Acadêmica e Profissional - DIP, Prof.(a) **Alexandre Guilherme Lenzi de Oliveira**, o(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) **Nubia Saraiva Ferreira**, representantes da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ **83.899.526/0001-82**, como concedente e como instituição de ensino, respectivamente, e o(a) estagiário(a) **Jéssica Simas Ivakoski**, CPF **114.085.059-83**, telefone **(48) 98422-8130**, e-mail **je.simas@hotmail.com**, regularmente matriculado(a) sob número **16101966** no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 014/CUnv11 e das normas do Curso, acertam o que segue:

<p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE) está fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e vinculado à disciplina MEN7001 - Estágio Ensino Língua Portuguesa Literatura I (252h/a)</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Ana Claudia de Souza, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14.00 horas (com no máximo 4.00 horas diárias), a ser desenvolvida na UFSC, no(a) Colégio de Aplicação, de 25/10/2021 a 26/03/2022, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Cristiane Seimetz Rodrigues.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 01820001901 da seguradora Gente Seguradora S.A. (CNPJ 90.180.605/0001-02).</p> <p>Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> <p>Art. 6º: O estagiário deverá informar a unidade concedente em caso de abandono do curso.</p>	<p>Art. 7º: O estágio poderá ser rescindido a qualquer tempo por meio de Termo de Rescisão, observado o recesso do qual trata o artigo 9º deste TCE.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) tem direito a 12 dias de recesso, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído durante a vigência do TCE ou pago em pecúnia ao estudante após sua rescisão.</p> <p>Art. 10º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a UFSC, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 11º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da UFSC, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 12º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p>
--	--

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 2044432

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Realização de pesquisa e estudo acerca das temáticas a serem desenvolvidas nas atividades relativas à docência em língua portuguesa e literatura; Planejamento didático; Execução do planejamento por meio da elaboração e reelaboração de materiais didáticos e paradidáticos; Análise de matérias didáticas; Acompanhamento de atividades síncronas; Elaboração e entrega do trabalho escrito no estágio.

Local e Data: _____ de _____ de _____

<p>Documento assinado digitalmente</p> <p>Alexandre Guilherme Lenzi de Oliveira Data: 02/11/2021 11:32:06-0300 CPF: 833.926.850-20 Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br</p> <p style="text-align: right;">Diretor(a) do DIP - PROGRAD - UFSC</p>	<p>Documento assinado digitalmente</p> <p>Jéssica Simas Ivakoski - Estagiário(a) Data: 29/10/2021 19:25:09-0300 CPF: 114.085.059-83 Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br</p>
<p>Documento assinado digitalmente</p> <p>Ana Claudia de Souza - Prof.(a) Orientador(a) Data: 30/10/2021 14:21:13-0300 CPF: 864.921.509-68 Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br</p>	<p>Documento assinado digitalmente</p> <p>Cristiane Seimetz Rodrigues - Supervisor(a) no local de Estágio Data: 31/10/2021 09:44:29-0300 CPF: 036.272.399-92 Verifique as assinaturas em https://v.ufsc.br</p>

29/10/2021 14:14 SeTIC - Superintendência de Governança Eletrônica e Tecnologia da Informação e Comunicação Página: 1 de 1

6.3 ANEXO 3 - Registro de observação das aulas de Língua Portuguesa de Gislene Aparecida Souza

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA
 DISCIPLINA MEN7002
 ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA II
 TURMAS 09428A

PROFESSORA ORIENTADORA: ISABELA MELIM BORGES
 PROFESSORA SUPERVISORA: GEORGE FRANÇA
 CAMPO DE ESTÁGIO: COLÉGIO DE APLICAÇÃO
 ESTAGIÁRIO/A: Isidoro Aparecido Souza

FREQUÊNCIA DO/A ESTAGIÁRIO/A ÀS AULAS

ETAPA DE OBSERVAÇÃO
 2022/1

DATA	NÚMERO DE AULAS	RUBRICA DO/A PROFESSOR/A DA TURMA
27/04	2	[assinatura]
28/04	2	[assinatura]
03/05	1	[assinatura]
04/05	2	[assinatura]
05/05	2	[assinatura]
10/05	1	[assinatura]
11/05	2	[assinatura]
12/05	2	[assinatura]
17/05	1	[assinatura]
24/05	2 (Conv. Participativo)	[assinatura]

Observações (caso necessário):











6.4 ANEXO 4 - Registro de observação das aulas de Língua Portuguesa de Jéssica Simas Ivakoski

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA
DISCIPLINA MEN7002
ESTÁGIO DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA II
TURMAS 09428A

PROFESSORA ORIENTADORA: ISABELA MELIM BORGES
PROFESSORA SUPERVISORA: GEORGE FRANÇA
CAMPO DE ESTÁGIO: COLÉGIO DE APLICAÇÃO
ESTAGIÁRIO/A: Jéssica Simas Ivakoski

FREQUÊNCIA DO/A ESTAGIÁRIO/A ÀS AULAS

ETAPA DE OBSERVAÇÃO
2022/1

DATA	NÚMERO DE AULAS	RUBRICA DO/A PROFESSOR/A DA TURMA
27/04	2	
28/04	2	
03/05	1	
04/05	2	
05/05	2	
10/05	1	
11/05	2	
12/05	2	
17/05	1	
24/05	2 (cons. Participativo)	

Observações (caso necessário):

6.5 ANEXOS DOS MATERIAIS USADOS EM SALA E ATIVIDADES DOS ALUNOS

6.5.1 ANEXO A - Orientação para atividade de pesquisa no fórum (Plano I)

Atividade para o nosso primeiro encontro - Comemoração do Centenário da Semana de Arte Moderna de 1922



Mário de Andrade, Anita Malfatti, Oswald de Andrade e Heitor Villa-Lobos - Fotomontagem e arte: Ana Júlia Maciel/Jornal da USP

<<https://jornal.usp.br/cultural/radio-usp-celebra-os-cem-anos-da-semana-de-arte-moderna/>>

Olá, 3°C.

Esperamos que estejam bem!

A ideia deste fórum é que possamos interagir sobre a Comemoração do Centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, que fará parte da nossa participação como estagiárias de docência na disciplina de Língua Portuguesa.

Para isso, vocês deverão pesquisar e escolher uma referência midiática que se relacione com a Semana de Arte Moderna ou a comemoração do seu centenário (quadro, pintura, escultura, notícia, vídeo, perfil de rede social, etc.) e escrever de forma sintetizada (em torno de cinco linhas, o texto a gente deixa pra depois) o que você entende por Semana de Arte Moderna e o que ela representa para você.

O documento *Como fazer pesquisas seguras na internet?* traz algumas dicas de como fazer uma pesquisa de forma confiável.

Postem suas pesquisas até o dia 06/06/2022, próxima segunda-feira, e fiquem à vontade para interagir com as publicações dos colegas. Podem enviar dúvidas, comentários, questões que acharem interessantes, temas que gostariam que explorássemos mais, entre outros.

Abraços e até breve,

Jéssica e Gislene

6.5.2 ANEXO B - Slides montados com as pesquisas feitas pelos alunos no fórum (Plano I)

A Semana da Arte Moderna foi, de certa forma, a ressignificação da arte, não só materialmente, mas o que ela significa para a sociedade como um todo, e o que podemos construir a partir dela.

O objetivo foi explorar o Brasil e valorizar o nosso país como berço de inspiração cultural e durante essa semana aconteceu uma agitação coletiva, porque tinham a pretensão de mudar como se fazia e consumia a arte.

Pintura a óleo sobre tela de Anita Malfatti
(São Paulo, 1889 - São Paulo, 1964), executada entre 1915 e 1916.



Sendo mais específico, eram artes modernas, ou seja, que buscavam inovar e trazer novas ideias pro campo cultural, desafiando o passado e os conservadores da arte (por isso foi um evento muito criticado).

"O Abaporu", Tarsila do Amaral.
Pintura a óleo de 1928 (após a semana de arte moderna)



Os artistas inventaram novos processos na elaboração das artes e por isso lhes deram, digamos, um caminho mais brasileiro. A partir desse momento, a informalidade e o improviso, além da liberdade de produção, tornou-se regra da arte moderna.

(Pierrete, 1924, Di Cavalcanti)



Durante aquela semana, a nova linguagem marcou a construção de uma liberdade criadora, mas o cenário não era propício à transformação.

Cícero
Pintor Modernis -



Os artistas participantes propõem uma nova visão artística assente numa estética inovadora inspirada na vanguarda europeia. Juntos, eles buscaram um renascimento social e artístico no país

Tinham como inspiração a estética europeia, com intuito de buscar uma renovação social e artística no país.



Quadro 'Operários', de Tarsila do Amaral (1933)

Semana de Arte Moderna reuniu diversas exposições, como danças, músicas, leituras de poesias, pinturas e esculturas, bem como artes no geral.

Amor (Ilustração para "Pau Brasil")
por Tarsila do Amaral, 1925



Esse acontecimento trouxe uma visibilidade enorme para uma escola literária respeitável e renomada no Brasil - o modernismo. Somente no ano de 1922 que o modernismo cresceu e destacou-se - abrangendo também outros locais - mesmo sendo fundado em 1910

A Lua de Tarsila do Amaral 1928



Pinturas, poesias, arquiteturas, músicas, entre outras formas de expressão foram utilizadas na época. Se tinha como principal objetivo valorizar o Brasil como berço de uma inspiração cultural.

Composição (Figura só), 1930, de Tarsila do Amaral



Foi uma manifestação artístico cultural que contou com apresentações de dança, musica, poesias, exposições e palestras.

Esse evento aconteceu numa época de inquietude cultural, política e social. Assim, diversos artistas queriam desconstruir as artes, mostrando inovação e vanguardismo.

"O homem amarelo" (1917), de Anita Malfatti.



6.5.3 ANEXO C - Slides de comparação entre poema parnasiano e poema modernista (Plano I)



Os Sapos de Manuel Bandeira

Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ironco que aterra,
Berra o sapo-boi:
- "Meu pai foi à guerra!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!"

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: - "Meu cancionero
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Fruimento sem joio.
Faco rimas com
Consoantes de apolo.

Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A fôrmas a forma.

Clame a saporaria
Em críticas céticas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas..."

Urta o sapo-boi:
- "Meu pai foi rei!" - "Foi!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!"

Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
- A grande arte é como
Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatuário,
Tudo quanto é belo,
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo!"

Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas,
- "Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!"

Longe dessa grita,
Lá onde mais densa
A noite infinita
Veste a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No perau profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo-cururu
Da beira do rio...

Parnasianismo x Modernismo

Lingua Portuguesa - Olavo Bilac

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...
Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela
E o arrol da saudade e da ternura!
Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,
Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Erro de Português - Oswald de Andrade

Quando o português chegou
Debaixo de uma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
O índio tinha despido
O português.

6.5.4 ANEXO D - Trechos dos manifestos vanguardistas entregue aos alunos (Plano

II)

Manifesto Futurista, de Filippo Marinetti (1909)

“Então, com o vulto coberto pela boa lama das fábricas – empaste de escórias metálicas, de suores inúteis, de fuligens celestes -, contundidos e enfaixados os braços, mas impávidos, ditamos nossas primeiras vontades a todos os homens vivos da terra:

1. Queremos cantar o amor do perigo, o hábito da energia e da temeridade.
2. A coragem, a audácia e a rebelião serão elementos essenciais da nossa poesia.
3. Até hoje a literatura tem exaltado a imobilidade pensativa, o êxtase e o sono. Queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, a velocidade, o salto mortal, a bofetada e o murro.
4. Afirmamos que a magnificência do mundo se enriqueceu de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um carro de corrida adornado de grossos tubos semelhantes a serpentes de hálito explosivo... um automóvel rugidor, que parece correr sobre a metralha, é mais belo que a Vitória de Samotrácia.¹
5. Queremos celebrar o homem que segura o volante, cuja haste ideal atravessa a Terra, lançada a toda velocidade no circuito de sua própria órbita. [...]”

Expressionismo na poesia, de Kasimir Edschmid (1918)

“[O expressionismo] luta, ao mesmo tempo, contra a decalcomania burguesa do naturalismo e contra o objetivo mesquinho que este persegue: fotografar a natureza ou a vida cotidiana. O mundo aí está, seria absurdo reproduzi-lo tal qual, pura e simplesmente.

¹ Escultura romana da Antiguidade Clássica, aproximadamente 190 a. C.

(...) A realidade tem que ser criada por nós. A significação do assunto deve ser sentida. Os fatos acreditados, imaginados, anotados não são o suficiente; pelo contrário, a imagem do mundo tem de ser espelhada puramente e não falsificada. Mas isso está apenas dentro de nós mesmos.”

Manifesto Cubista, de Guillaume Apollinaire (1913)

“Os artistas-pintores virtuosos desta época ocidental consideram sua pureza em oposição às forças naturais.

Ela é o esquecimento depois da pintura de estúdio. E para que um artista puro morresse não deveriam ter existido todos aqueles dos séculos passados.

(...) Todos os corpos são iguais ante a luz e suas modificações surgem deste poder luminoso que constrói à sua vontade.

Nós não conhecemos todas as cores e cada homem inventa novas.

Para isto é necessário abarcar com uma olhada o passado, o presente e o futuro.

O quadro deve representar esta unidade essencial que por si só provoca êxtase.(...)”

Manifesto Dadá, de Tristan Tzara (1918)

“A obra de arte não deve ser a beleza em si mesma, porque ela está morta; nem alegre nem triste, nem clara nem escura, deleitar ou maltratar as individualidades servindo-lhes os doces de auréolas santas ou os suores de uma corrida ondulante pela atmosfera. Uma obra de arte jamais é bela, por decreto, objetivamente, para todos. A crítica é portanto inútil, ela só existe subjetivamente, para cada um, e sem o menor caráter de generalidade.”

Manifesto Surrealista, de André Breton (1924)

“Só o que me exalta ainda é a única palavra, liberdade. Eu a considero apropriada para manter, indefinidamente, o velho fanatismo humano. Atende, sem dúvida, à minha única aspiração legítima. Entre tantos infortúnios por nós herdados, deve-se admitir que a maior liberdade de espírito nos foi concedida. Devemos cuidar de não fazer mau uso dela. Reduzir a imaginação à servidão, fosse mesmo o caso de ganhar o que vulgarmente se chama a felicidade, é rejeitar o que haja, no fundo de si, de suprema justiça. Só a imaginação me dá contas do que pode ser (...).

[...] Fica a loucura."a loucura que é encarcerada", como já se disse bem. Essa ou a outra.. Todos sabem, com efeito, que os loucos não devem sua internação senão a um reduzido número de atos legalmente repreensíveis, e que, não houvesse estes atos, sua liberdade (o que se vê de sua liberdade) não poderia ser ameaçada. Que eles sejam, numa certa medida, vítimas de sua imaginação, concordo com isso, no sentido de que ela os impele à inobservância de certas regras, fora das quais o gênero se sente visado, o que cada um é pago para saber. Mas a profunda indiferença de que dão provas em relação às críticas que lhe fazemos, até mesmo quanto aos castigos que lhes são impostos, permite

supor que eles colhem grande reconforto em sua imaginação e apreciam seu delírio o bastante para suportar que só para eles seja válido. E, de fato, alucinações, ilusões, etc. são fonte de gozo nada desprezível.”

Referência dos trechos dos manifestos:

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e Modernismo brasileiro**. Apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 21. ed. José Olympio: Rio de Janeiro, 2022.



6.5.5 ANEXO E - Slides com trechos dos manifestos e obras de arte das vanguardas europeias (Plano II)

Futurismo

Valorização da velocidade:
Exaltação à tecnologia:
Contrário ao tradicionalismo.

O Dinamismo de um Automóvel
(1913), de Luigi Russolo



Manifesto Futurista, de Filippo Marinetti (1909)

"Então, com o vulto coberto pela boa lama das fábricas - empaste de escórias metálicas, de suores inúteis, de fulgens celestes -, contundidos e enfaixados os braços, mas impávidos, ditamos nossas primeiras vontades a todos os homens vivos da terra:

1. Queremos cantar o amor do perigo, o hábito da energia e da temeridade.
2. A coragem, a audácia e a rebelião serão elementos essenciais da nossa poesia.
3. Até hoje a literatura tem exaltado a imobilidade pensativa, o êxtase e o sono. Queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, a velocidade, o salto mortal, a bofetada e o murro.
4. Afirmamos que a magnificência do mundo se enriqueceu de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um carro de corrida adornado de grossos tubos semelhantes a serpentes de hálito explosivo... um automóvel rugidor, que parece correr sobre a metralha, é mais belo que a Vitória de Samotrácia.
5. Queremos celebrar o homem que segura o volante, cuja haste ideal atravessa a Terra, lançada a toda velocidade no circuito de sua própria órbita. [...]"

Expressionismo

Valorização do universo psicológico, sobretudo de sentimentos densos;

Contraste e intensidade cromática;

Deformação da figura, pinceladas marcantes e grossas camadas de tinta.

O grito (1893), de Edvard Munch



Expressionismo na poesia, de Kasimir Edschmid (1918)

"[O expressionismo] luta, ao mesmo tempo, contra a decalcomania burguesa do naturalismo e contra o objetivo mesquinho que este persegue: fotografar a natureza ou a vida cotidiana. O mundo aí está, seria absurdo reproduzi-lo tal qual, pura e simplesmente. (...) A realidade tem que ser criada por nós. A significação do assunto deve ser sentida. Os fatos acreditados, imaginados, anotados não são o suficiente; pelo contrário, a imagem do mundo tem de ser espelhada puramente e não falsificada. Mas isso está apenas dentro de nós mesmos."

Cubismo

Pintura em três dimensões;

Modelação por cubos e cilindros;

Rompimento do uso padrão de linhas e contornos.

Cabeça de Mulher (1909), de Pablo Picasso



Manifesto Cubista, de Guillaume Apollinaire (1913)

"Os artistas-pintores virtuosos desta época ocidental consideram sua pureza em oposição às forças naturais.

Ela é o esquecimento depois da pintura de estúdio. E para que um artista puro morresse não deveriam ter existido todos aqueles dos séculos passados.

(...) Todos os corpos são iguais ante a luz e suas modificações surgem deste poder luminoso que constrói à sua vontade.

Nós não conhecemos todas as cores e cada homem inventa novas.

Para isto é necessário abarcar com uma olhada o passado, o presente e o futuro.

O quadro deve representar esta unidade essencial que por si só provoca êxtase.(...)"

Dadaísmo

Espírito de protesto:

Irreverência artística:

Caráter irônico.

A Fonte (1917), de Marcel Duchamp



Manifesto Dadá, de Tristan Tzara (1918)

"A obra de arte não deve ser a beleza em si mesma, porque ela está morta; nem alegre nem triste, nem clara nem escura, deleitar ou maltratar as individualidades servindo-lhes os doces de auréolas santas ou os suores de uma corrida ondulante pela atmosfera. Uma obra de arte jamais é bela, por decreto, objetivamente, para todos. A crítica é portanto inútil, ela só existe subjetivamente, para cada um, e sem o menor caráter de generalidade."

Surrealismo

Espontaneidade;
Realidade paralela;
Valorização do inconsciente.

A persistência da memória (1931),
de Salvador Dalí



Manifesto Surrealista, de André Breton (1924)

"Só o que me exalta ainda é a única palavra, liberdade. Eu a considero apropriada para manter, indefinidamente, o velho fanatismo humano. Atende, sem dúvida, à minha única aspiração legítima. Entre tantos infortúnios por nós herdados, deve-se admitir que a maior liberdade de espírito nos foi concedida. Devemos cuidar de não fazer mau uso dela. Reduzir a imaginação à servidão, fosse mesmo o caso de ganhar o que vulgarmente se chama a felicidade, é rejeitar o que haja, no fundo de si, de suprema justiça. Só a imaginação me dá contas do que pode ser (...).

[...] Fica a loucura: a loucura que é encarcerada!, como já se disse bem. Essa ou a outra. Todos sabem, com efeito, que os loucos não devem sua internação senão a um reduzido número de atos legalmente repreensíveis, e que, não houvesse estes atos, sua liberdade (o que se vê de sua liberdade) não poderia ser ameaçada. Que eles sejam, numa certa medida, vítimas de sua imaginação, concordo com isso, no sentido de que ela os impele à inobservância de certas regras, fora das quais o gênero se sente visado, o que cada um é pago para saber. Mas a profunda indiferença de que dão provas em relação às críticas que lhes fazemos, até mesmo quanto aos castigos que lhes são impostos, permite supor que eles colhem grande conforto em sua imaginação e apreciam seu delírio o bastante para suportar que só para eles seja válido. E, de fato, alucinações, ilusões, etc. são fonte de gozo nada desprezível."

6.5.6 ANEXO F - Atividade de Mapa Mental dos alunos sobre as vanguardas europeias



VANGUARDAS EUROPEIAS:

Tensões Políticas ; Revolução Industrial;
Tecnologia; Primeira Guerra Mundial.

1. Chocou os meios culturais europeus em virtude do caráter "violento" e "radical" de suas propostas;
2. Influenciou consideravelmente o Concretismo, movimento literário brasileiro surgido na década de 1950.;
3. Junção da psicanálise à literatura e artes plásticas;
4. Fugidos de guerra que tinham a intenção de criar um movimento artístico para criticar, por meio do deboche e da ironia, a civilização decadente representada pelo conflito bélico;
5. Surgiu na França e na Alemanha quando um grupo de pintores denominados de expressionistas e fauvistas propuseram o combate ao Impressionismo.



As Vanguardas Europeias Séc XX

Dadaísmo
 ↳ caráter de protesto; rompeu o tradicionalismo artístico que se mantinha crítica à sociedade e estética.
 ↳ desvalorizou as artes e a construção estética de uma obra.
 ↳ "ODE AO BURGUEZ" ↳ "MÃO DE ANDRÉ" ↳

Futurismo
 ↳ concebido como radicalização da busca da proposta de destruição do passado ↳ destruiu o que já existia para começar.
 ↳ caráter rebelde; de "capa" ↳ guerra.
 ↳ "O AMOR" ↳ "Ouvros de Andrade" ↳

Expressionismo
 ↳ primeira vanguarda a focar em aspectos subjetivos; valoriza a expressão emocional, como o lado sombrio ↳ angústia, medo, umidade ↳ não representa a realidade; defende a liberdade individual; dramático; utiliza de cores fortes e contrastes marcados.
 ↳ "SOMBRIO" ↳ "Painel Maria Rêka" ↳

Cubismo
 ↳ uso de formas geométricas compostas com as retas, utilizadas que mostram a percepção das formas.
 ↳ discussão da realidade; pontos de vista; características de como um objeto pode ser observado, em formas, a composição não é por ângulos independentes com pontos, eixos de forma realista.
 ↳ "Agradável" ↳ "Agradável" ↳

Surrealismo
 ↳ busca o abstrato, o inconsciente e o que está fora da realidade das manifestações no sonho e no parafuso.
 ↳ valoriza aquilo que a burguesia queria esquecer.

Imagens: "Homem e bambolim" de David Burliuk; "Futurista Woman" de David Burliuk; "Ouvros de Andrade" de Cândido Mota Filho.

Vanguardas Europeias

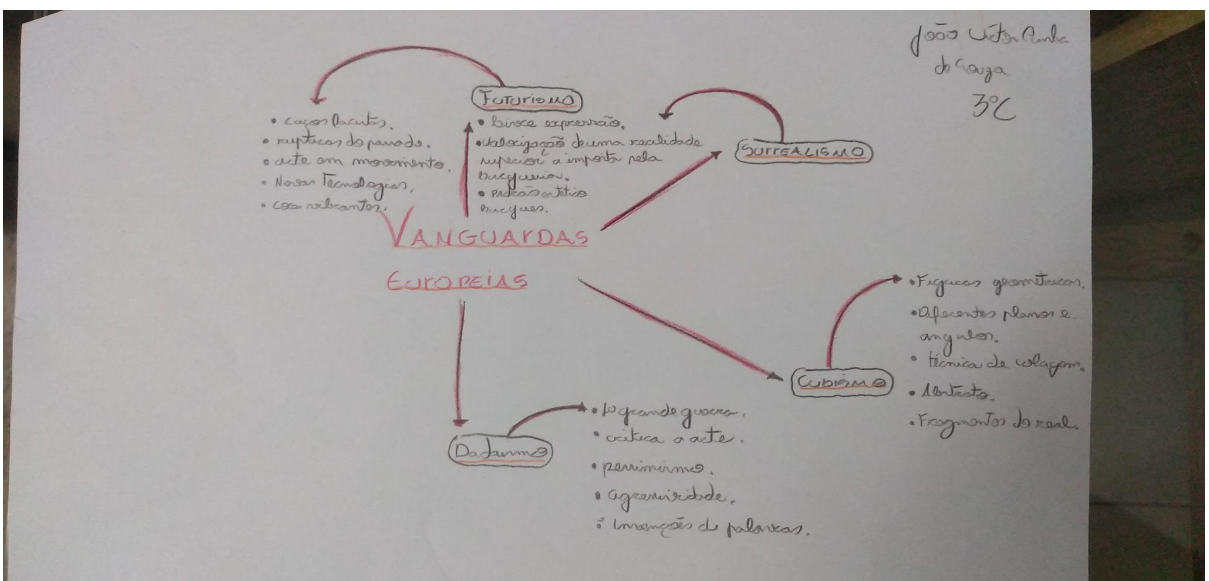
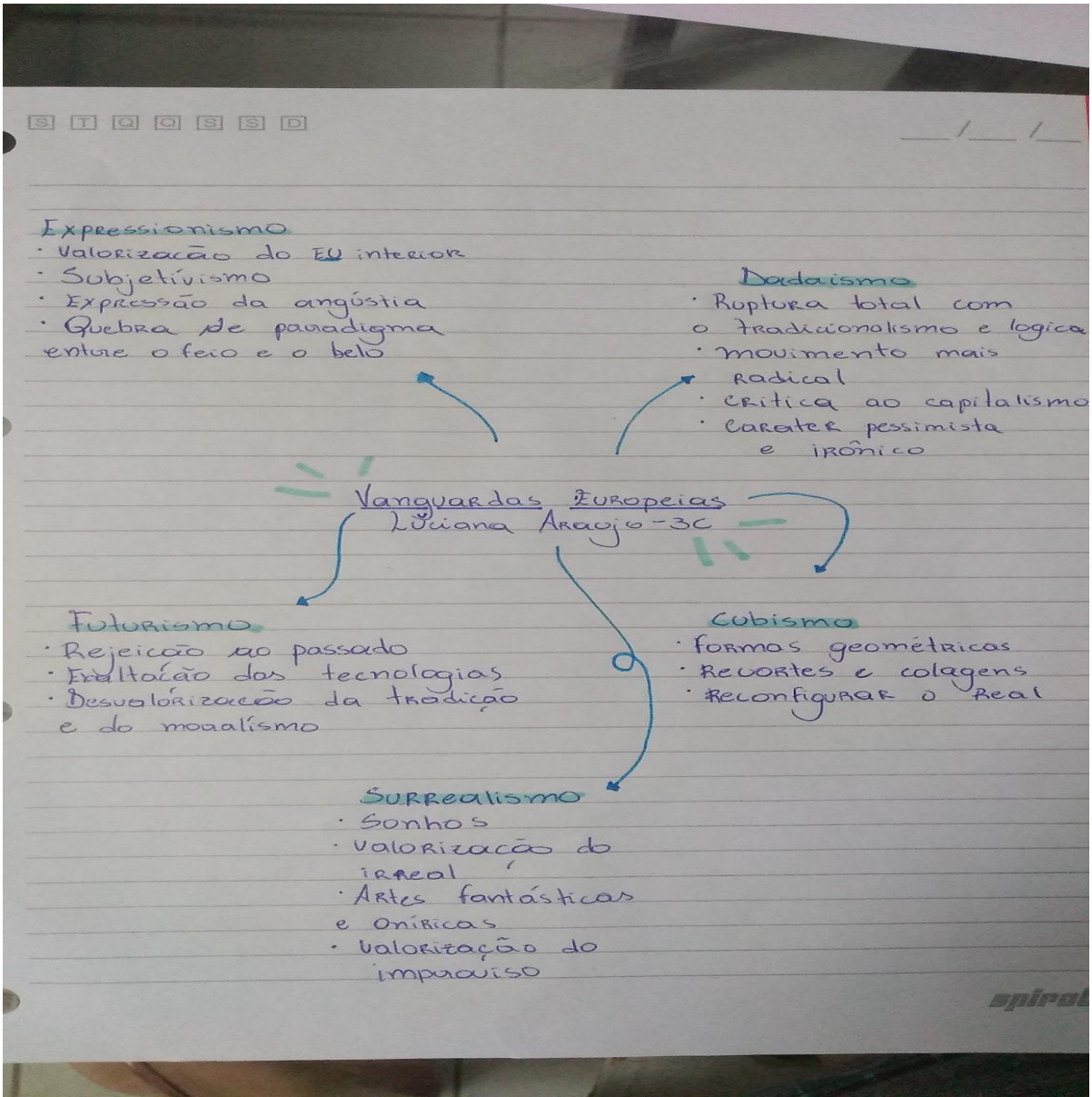
Futurismo
 - Valorização da Velocidade
 - Exaltação à Tecnologia
 - Contrário ao Tradicionalismo
 ↳ Art. "aquarismo" que surgiu em um momento de grandes tensões mundiais.
 Artista: Luigi Russolo

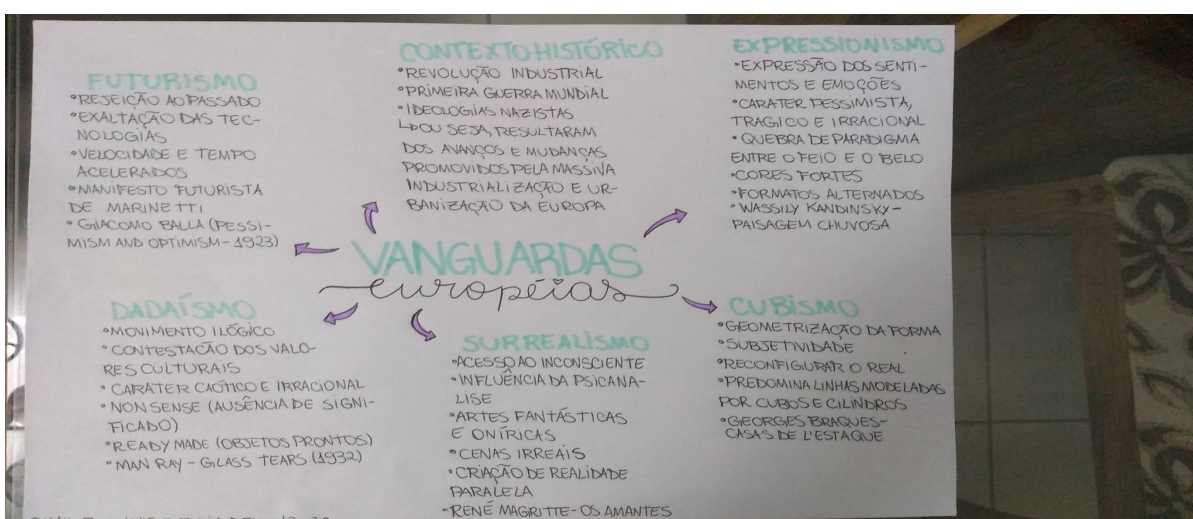
Expressionismo
 - Valorização do universo psicológico e sentimentos internos
 - Contraste e intensidade cromática
 - Deformação da figura, pontilhados marcantes, cores camadas de tinta
 ↳ Surgiu na Alemanha ↳ se destacou nos arts plásticos e cinema
 ↳ Busca interpretar o interior

Dadaísmo "O que é arte?"
 - Espírito de protesto
 - Brechas artísticas
 - Caráter Sônico
 ↳ Busca trazer um novo ponto de vista dos objetos do cotidiano.
 ↳ Apresentar objetos de forma livre com uma nova visão.
 Artista: Marcel Duchamp

Cubismo
 - Pintura em três dimensões
 - Modelação por cubos e cilindros
 - Rompimento do uso do padrão de linhas e contornos
 ↳ Momento do século XX que trouxe uma nova visão da imagem em um período de insucesso e questionamentos.
 Artista: Pablo Picasso

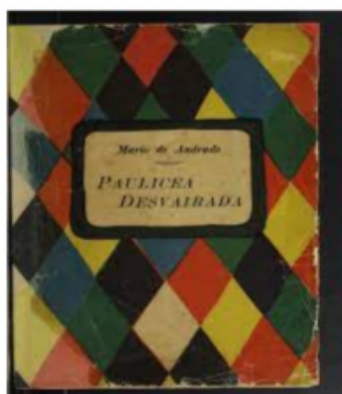
Surrealismo
 - Espontaneidade
 - Realidade paralela
 - Valorização do inconsciente
 ↳ Movimento artístico e literário que surgiu em Paris no século XX.
 ↳ É um movimento com ausência de lógica que busca o resgate das emoções, exaltação da liberdade de criação, impulso humano...
 Artista: Salvador Dalí





6.5.7 ANEXO G - Capas do livro "Paulicéia Desvairada" (Plano III)

Paulicéia Desvairada - 1922 (capas)



6.5.8 ANEXO H - Poemas de Mário de Andrade em “Paulicéia Desvairada” (Planos III e IV)

Inspiração

“Onde ate na forca do verão havia
tempestades de ventos e frios de crudelissimos inverno”
Fr. Luis de Sousa

São Paulo! comoção de minha vida...
Os meus amores são flores feitas de original!...
Arlequina!... Trajes de losangos... Cinza e ouro...
Luz e bruma... Forno e inverno morno...
Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...
Perfumes de Paris... Arys!
Bofetadas líricas no Trianon... Algodão!...

São Paulo! comoção de minha vida...
Galicismo a berrar nos desertos da América.

Paisagem nº3

Chove?
Sorri uma garoa cor de cinza,
Muito triste, como um tristemente longo...
A casa Kosmos não tem impermeáveis em liquidação...
Mas neste largo do Arouche
Posso abrir meu guarda-chuva paradoxal.
Este lírico plátano de rendas mar...

Ali em frente... – Mário, põe a máscara!
– Tens razão, minha Loucura, tens razão.
O rei de Tule jogou a taça ao mar..

Os homens passam encharcados...
Os reflexos dos vultos curtos
Mancham o petit-pavé...
As rolas da Normal
Esvoaçam entre os dedos da garoa...
(E si pusesse um verso de Crisfal
No De Profundis?...)
De repente
Um raio de Sol arisco
Risca o chuvisco ao meio.

Os cortejos

Monotonias das minhas retinas...
Serpentinas de entes frementes a se desenrolar...
Todos os sempre das minhas visões! “Bon giorno, caro”

Horríveis as cidades!
Vaidades e mais vaidades...
Nada de asas! Nada de poesia! Nada de alegria!
Oh! os tumultuários das ausências!
Paulicéia – a grande boca de mil dentes;
e os jorros dentre a língua trissulca
de pus e de mais pus de distinção...
Giram homens fracos, baixos, magros...
Serpentinas de entes frementes a se desenrolar...

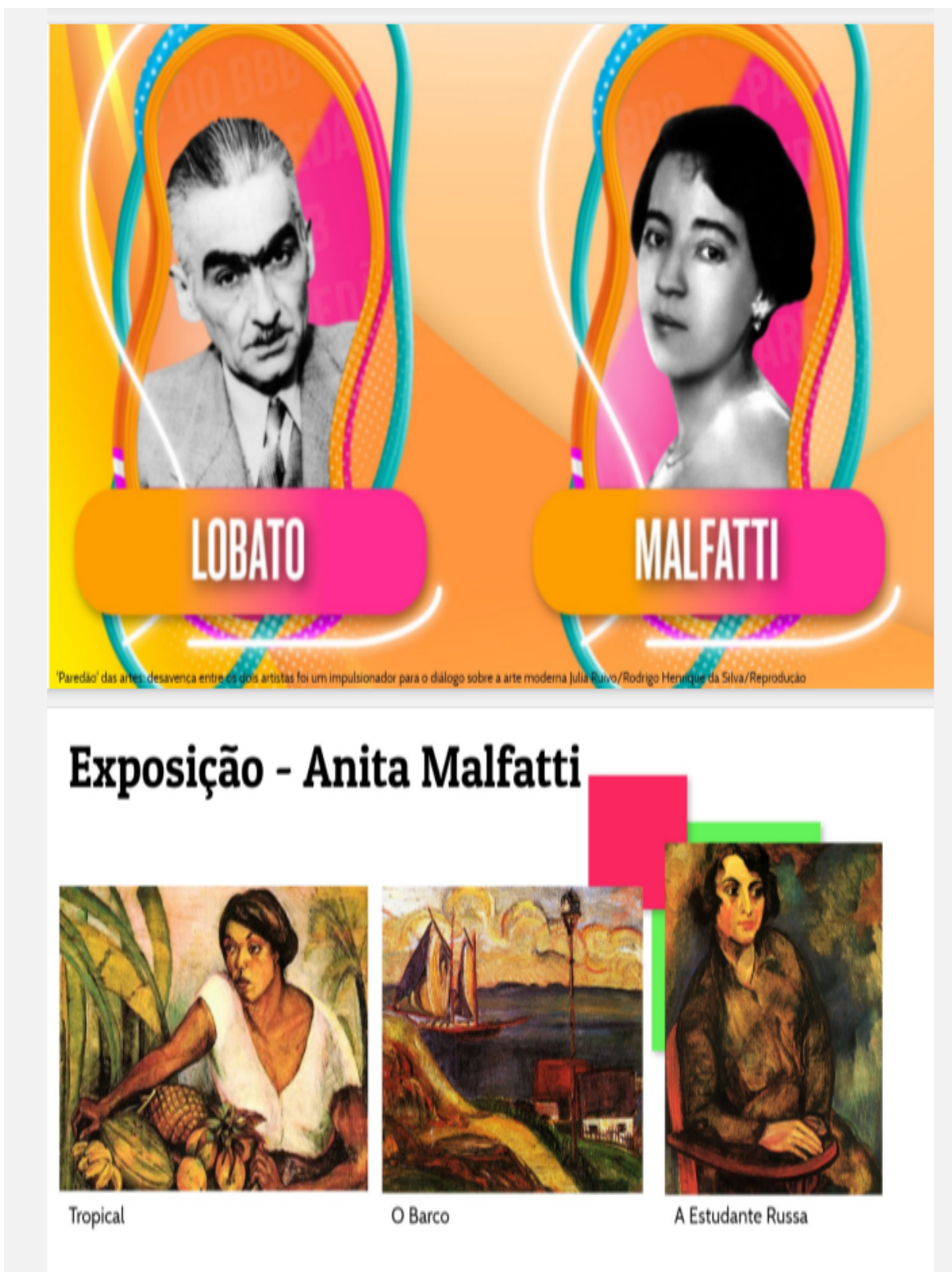
Estes homens de São Paulo,
todos iguais e desiguais,
quando vivem dentro dos meus olhos tão ricos,
parecem-me uns macacos, uns macacos.

Tietê

Era uma vez um rio...
Porém os Borbas-Gatos dos ultra-nacionais esperiamente!


Havia nas manhãs cheias de Sol do entusiasmo
as monções da ambição...
E as gigantescas vitórias!
As embarcações singravam rumo do abismal Descaminho...
Arroubos... Lutas... Setas... Cantigas... Povoar!
Ritmos de Brecheret!... E a santificação da morte!
Foram-se os ouros... E o hoje das turmalinas!...

– Nadador! Vamos partir pela via dum Mato-Grosso?
– Io! Mai!... (Mais dez braçadas.
Quina Migone, Hat Stores, Meia de seda.)
Vado a pranzare con la Ruth.


6.5.9 ANEXO I - Slide Monteiro Lobato *versus* Anita Malfatti (Plano V)

'Paredão' das artes: desavença entre os dois artistas foi um impulsionador para o diálogo sobre a arte moderna Julia Ruvo/Rodrigo Henrique da Silva/Reprodução

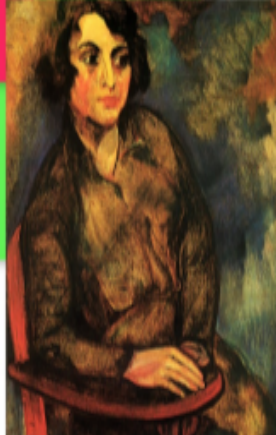
Exposição - Anita Malfatti



Tropical



O Barco



A Estudante Russa

6.5.10 ANEXO J - Artigo "Paranóia ou Mistificação?" entregue aos alunos (Plano V)

Paranóia ou mistificação?

Monteiro Lobato

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que vêm normalmente as coisas e em consequência disso fazem arte pura, guardando os eternos ritmos da vida, e adotados para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres. Quem trilha por esta senda, se tem gênio, é Praxíteles na Grécia, é Rafael na Itália, é Rembrandt na Holanda, é Rubens na Flandres, é Reynolds na Inglaterra, é Leubach na Alemanha, é Iorn na Suécia, é Rodin na França, é Zuloaga na Espanha. Se tem apenas talento, vai engrossar a pléiade de satélites que gravitam em torno daqueles sóis imorredouros. A outra espécie é formada pelos que vêm anormalmente a natureza, e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência: são frutos de fins de estação, bichados ao nascedouro. Estrelas cadentes, brilham um instante, as mais das vezes com a luz do escândalo, e somem-se logo nas trevas do esquecimento. Embora eles se dêem como novos precursores duma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica: nasceu com a paranóia e com a mistificação. De há muito já que a estudam os psiquiatras em seus tratados, documentando-se nos inúmeros desenhos que ornar as paredes internas dos manicômios. A única diferença reside em que nos manicômios esta arte é sincera, produto ilógico de cérebros transtornados pelas mais estranhas psicoses; e fora deles, nas exposições públicas, zabumbadas pela imprensa e absorvidas por americanos malucos, não há sinceridade nenhuma, nem nenhuma lógica, sendo mistificação pura.

Todas as artes são regidas por princípios imutáveis, leis fundamentais que não dependem do tempo nem da latitude. As medidas de proporção e equilíbrio, na forma ou na cor, decorrem do que chamamos sentir. Quando as sensações do mundo externo transformam-se em impressões cerebrais, nós "sentimos"; para que sintamos de maneira diversa, cúbica ou futurista, é forçoso ou que a harmonia do universo sofra completa alteração, ou que o nosso cérebro esteja em "pane" por virtude de alguma grave lesão. Enquanto a percepção sensorial se fizer normalmente no homem, através da porta comum dos cinco sentidos, um artista diante de um gato não poderá "sentir" senão um gato, e é falsa a "interpretação" que do bichano fizer um "totó", um escarvalho, um amontoado de cubos transparentes.

Estas considerações são provocadas pela exposição da Sra. Malfatti, onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso e companhia. Essa artista possui um talento vigoroso, fora do comum. Poucas vezes, através de uma obra torcida para má direção, se notam tantas e tão preciosas qualidades latentes. Percebe-se de qualquer daqueles quadrinhos como a sua autora é independente, como é original, como é inventiva, em que alto grau possui um sem-número de qualidades inatas e adquiridas das mais fecundas para construir uma sólida individualidade artística. Entretanto, seduzida pelas

teorias do que ela chama arte moderna, penetrou nos domínios dum impressionismo discutibilíssimo, e põe todo o seu talento a serviço duma nova espécie de caricatura.

Sejamos sinceros: futurismo, cubismo, impressionismo e tutti quanti não passam de outros tantos ramos da arte caricatural. É a extensão da caricatura a regiões onde não havia até agora penetrado. Caricatura da cor, caricatura da forma - caricatura que não visa, como a primitiva, ressaltar uma idéia cômica, mas sim desnothear, aparvalhar o espectador. A fisionomia de quem sai de uma dessas exposições é das mais sugestivas. Nenhuma impressão de prazer, ou de beleza, denunciam as caras; em todas, porém, se lê o desapontamento de quem está incerto, duvidoso de si próprio e dos outros, incapaz de raciocinar, e muito desconfiado de que o mistificam habilmente. Outros, certos críticos sobretudo, aproveitam a vaza para *épater les bourgeois*. Teorizam aquilo com grande dispêndio de palavrório técnico, descobrem nas telas intenções e subintenções inacessíveis ao vulgo, justificam-nas com a independência de interpretação do artista e concluem que o público é uma cavalgada e eles, os entendidos, um pugilo genial de iniciados da Estética Oculta. No fundo, riem-se uns dos outros, o artista do crítico, o crítico do pintor, e o público de ambos.

Há de ter essa artista ouvido numerosos elogios à sua nova atitude estética. Há de irritar-lhe os ouvidos, como descortês impertinência, esta voz sincera que vem quebrar a harmonia de um coro de lisonjas. Entretanto, se refletir um bocado, verá que a lisonja mata e a sinceridade salva. O verdadeiro amigo de um artista não é aquele que o entoece de louvores e sim o que lhe dá uma opinião sincera, embora dura, e lhe traduz chãmente, sem reservas, o que todos pensam dele por detrás. Os homens têm o vezo de não tomar a sério as mulheres. Essa é a razão de lhes darem sempre amabilidades quando pedem opiniões. Tal cavalheirismo é falso, e sobre falso, nocivo. Quantos talentos de primeira água se não transviaram arrastados por maus caminhos pelo elogio incondicional e mentiroso? Se víssemos na Sra. Malfatti apenas "uma moça que pinta", como há centenas por aí, sem denunciar centelha de talento, calar-nos-íamos, ou talvez lhe dêssemos meia dúzia desses adjetivos "bombons", que a crítica açucarada tem sempre à mão em se tratando de moças. Julgamo-la, porém, merecedora da alta homenagem que é tomar a sério o seu talento dando a respeito da sua arte uma opinião sinceríssima, e valiosa pelo fato de ser o reflexo da opinião do público sensato, dos críticos, dos amadores, dos artistas seus colegas e... dos seus apologistas.

Dos seus apologistas sim, porque também eles pensam deste modo... por trás.

Publicado em O Estado de São Paulo, em 20 de dezembro de 1917.

ANEXO K - Atividade de releitura - primeira versão (Plano VI)

Título**Respiração**

Florianópolis! Apego de Minha vida...
Os meus amores são feitos dos teus mares
calmos

Belas e simétricas ó natureza, grande é a
tesoura do olhar...
Turva luz aconchego de meus dias
Sutis cheios de elegância sem escândalos
Perfumes de sal... Resia

Desvairado lírico no centro... Não central!

Florianópolis! Apego de Minha vida...

O modo a falar a berrar nas águas da
América!.

Universidade Federal de Santa Catarina
 Centro de Ciências da Educação
 Colégio de Aplicação
 Ensino médio - 3ºano C
 Disciplina de Língua Portuguesa
 Prof. George França
 Estagiárias: Gislane e Jessica
 Alunos: Arthur Ceccato, Sofia Provintina e Thais Ferreira da Luz

Releitura - “Inspiração”, de Mário de Andrade

Inspiração

Mário de Andrade

São paulo! comoção de minha vida...
 Os meus amores são flores feitas de original...
 Arlequina!...Traje de losangos...Cinza e ouro...
 Luz e bruma...Forno e inverno morno...
 Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...
 Perfume de Paris...Arys!
 Bofetadas líricas no Trianon...Algodão!...

São Paulo! comoção de minha vida...
 Galicismo a berrar nos desertos da América!

Inspiração

Arthur, Sofia e Thais

São Paulo! Angústias e correria de minha vida...
 Os meus amores são telas virtuais...
 Globalizada!... Traje de nações... Gold e silver...
 Escuridão e clarão... Forno e freezer frio...
 Deselegâncias com escândalos, com disputa...
 Poluição de Sampa... Tietê!
 Tabefes poéticos em Balneário Camboriú...Algodõezinhos!...

São Paulo! Angústias e correria de minha vida...
 Vocabulário do exterior a berrar nos desertos da América!

UFSC - CED - CA
 Segmento: Ensino Médio - 3º ano C
 Disciplina: Português
 Professor: George França
 Aluna: Igor, Isadora Iglesias e Maria Gabriela Becker
 Releitura Conto - Paisagem N.º 3

Paisagem N.º 3

Mário de Andrade

Chove?
 Sorri uma garoa de cinza,
 Muito triste, como um tristemente longo...
 A Casa Kosmos não tem impermeáveis em liquidação...
 Mas neste Largo do Arouche
 Posso abrir o meu guarda-chuva paradoxal,
 Este lírico plântano de vendas mar...

Ali em frente... - Mário, põe a máscara!
 -Tens razão, minha Loucura, tens razão.
 O rei de Tule jogou a taça ao mar...

Os homens passam encharcados...
 Os reflexos dos vultos curtos
 Mancham o petit-pavé...
 As rodas da Normal
 Esvaçam entre os dedos da garoa...
 (E si posses um verso de Cristóvão
 De Profundis? ...)
 De repente
 Um raio de Sol arisco
 Risca o churvisco ao meio

Deita-se em lágrimas o céu, cinéreo como São Paulo, poluído pelas minhas e pelas
 demais habituais desesperanças, de um deprimido, apertado e desvaído povo.

Em minha janela embaçada, as melancólicas gotas disputam uma corrida; elas se
 põem vagarosamente e aglutinam-se até virarem uma. Eu as acompanho com o indicador,
 traço os seus traços, absorto... Chove mais que tudo nessa cidade... Mas ela sorri, ao passo
 que garoa. Zomba e importuna aqueles, os azarados, que esquecem de calçar suas botas e de
 botarem suas mais grossas calças.

Os acinzentados blocos perfuram o vasto anuviado... De minha solitária, a observo.
 Ela agita-se e exalta uma estranha combinação de aromas, dos nativos aos estrangeiros... Ela
 a detesto... Casa Kosmos. Será que há impermeáveis em liquidação? Não. Não há, Mário...
 Toma-te jeito... Desça e espaiça-te... O guarda-chuva, não o esqueça...

Na sombra, um pingo de água escorre-me a testa e a cada passo, passo sem entender.
 Onde iria um comam a não ser o Largo do Arouche? Em meio a poeira de incertezas, um
 ponto verde cintila...

Hipnotiza-me a dança lírica dos plântanos, harmoniosa e contínua, assim como o
 despertar das ondas. Suas folhas, do formato de mãos, me cumprimentam. Abraça-as.

Oh, Grande Capital! A desprezei tanto... Há uma beleza dinópica em sua urbana
 simetria.

O cinza, que aqui é o criador. O céu, os prédios, as calçadas, os bondes, as carroças,
 tudo composto pelo branco escuro. Cor essa que em outora é associada a ausência da vida,
 cabe como uma luva para a grande São Paulo. Intensidão e imparcialidade na qual nem
 mesmo o maior dos raios de sol interfere na grandeza do oceano cinza. Por isso é bela.

-Ei, Mário! O que está fazendo? Não pode deixar eles te verem assim! Lágrimas que
 costumemente se fundem a sublime garoa juntamente a um leve sorriso no rosto. -Tens
 razão Mania, Me pergunto onde eu estava com a cabeça. Os homens normalmente abdicam
 do desejo pessoal.

Estes passam encharcados com seus paletós cor de garoa, escorrendo, gradados aos
 seus corpos. Corpos belos, de homens belos com suas faces sem expressões que se integram
 ao presente onde a chuva irradia, substituindo o Sol. Andando rápido, tão rápido que é difícil
 reparar em suas faces, que seguem seu destino fundando-se as gotas que batem em seus
 guarda-chuvas, passando como vultos curtos que desaparecem por entre a chuva e o eterno
 cinza que devasta a cidade com sua luminosidade imperceptível.

As insensíveis manchas de botas trilham os caminhos dos que passam, manchando o
 petit-pavé com os caminhos dos elementos que trazem vida, a esbelta pintura da cidade.

Uma melodia doce chega aos meus ouvidos, as teclas do piano são pressionadas
 sutilmente acompanhando o trajeto das pessoas e das ruas que esvoaçam por entre os dedos
 da agradável garoa, em um movimento delicado e veloz, acordando aqueles que ainda
 possuem o olhar cansado e apressando os outros para chegar onde planejam, com seus rostos
 espelhando a garoa.

A melodia continua a ser tocada por um pianista oculto, harmonizando com o céu
 acinzentado. Pessoas pacientemente leem seus livros em uma praça, meus olhos correm
 lentamente por eles até que focam naquele que encara concentradamente uma edição de De
 Profundis, será que ele também vê o que eu vejo? Ou desdenharia do verso de Cristóvão em meu
 livro?

Quando um raio de Sol risca o churvisco ao meio, a melodia se intensifica e as cores se
 tornam vibrantes em meio a euforia que se expande pelas ruas, mostrando a magnitude de
 São Paulo, a cidade onde sorri uma garoa, se tornando uma admirável paisagem.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO DE APLICAÇÃO

MÁRIO DE ANDRADE
3º SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Aluno(s): Bernardo, Morgana e Nuran

RELEITURA DO POEMA: CORTEJOS

Neste pedacinho de terra lançado ao mar, fui tomado por uma onda de paz e tranquilidade que não sentia fazia tempo. A viagem para a Ilha do Desterro ocorreu sem problemas, o tempo estava ótimo e fui bem acompanhado durante a travessia. Quando pus os pés em terra e andei um pouco pelas ruas carentes de asfalto, finalmente pude notar as tamanhas diferenças com a minha cidade natal, São Paulo.

Era linda e radiante, em contraste com o fosco de minha terra, realmente os discursos sobre a ilha da magia eram reais, embora acabasse de chegar, já me sentia indiferente às preocupações triviais, ao contrário de São Paulo. Me vi na necessidade de um despreocupado bordejo, ao caminho pude perceber coisas tão diferentes de minha casa: ranchos de pescadores, praias exuberantes, uma paisagem de um verde tão vibrante antônimo do cinza pálido e chuvoso de São Paulo; uma alegria radiante mesmo na ausência do duro asfalto, rendeiras em comunidades com seus lindos bordados. Nunca vi uma cidade tão linda e livre de bestialidades da dita “urbanização”, era a prova de que mesmo sem o asfalto e grande aglomerado de pessoas, uma cidade pode tocar no seu coração.

Já estava ficando tarde, após passar tanto tempo me deliciando com os olhos, era hora de alimentar a barriga. Quantas iguarias, raramente eu tinha a oportunidade de me alimentar com frutos do mar, tão difíceis de se conseguir onde eu moro em São Paulo. Fui atendido dentro de uma comunidade hospitaleira, simples porém alegre e confortável, tão diferente da maioria das pessoas frias e vaidosas de minha terra. Após o banquete, fui me deitar ao som das ondas, que substituem o som de pessoas e carros barulhentos e intermináveis de São Paulo.

Se passaram dois, três ou talvez cinco dias, a tranquilidade da ilha me fazia focar na corrente do mar e me perder por completo da corrente do tempo. Essa paz que me preencheu o espírito assim que eu pisei em terra, agora se transforma no absoluto tédio. A monotonia de São Paulo me fez deixar a cidade atrás de aventuras, mas Desterro não me satisfaz com esse desejo. A paisagem da ilha é a mais bonita que vi desde que abandonei a roça rumo a cidade da garoa, no entanto, ter que me locomover apenas de barco me causa tremendos enjoos. Confesso que sinto saudades daquela espelunca que ousam chamar de transporte público. Pois é, talvez o modernismo não seja as mil ruindades como eu pensava, um pouco de tecnologia às vezes pode ser útil no dia-a-dia. Estamos em 1922, seria interessante se ao menos construíssem uma ponte nesta ilha de cortejos.

UFSC - CED - CA

SEGMENTO: Ensino Médio - 2º ano C

DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

PROFESSOR: George Luiz França

NOME: Julia Delfino da Silva, Luciana Araujo e Camili Pecinato

Florianópolis, junho de 2022.

Tietê

Mário de Andrade

Era uma vez um rio...
 Porém os Borbas-Gatos dos ultra-nacionais esperiamente!
 Havia nas manhãs cheias de Sol do entusiasmo
 as monções da ambição...
 E as gigantes!
 As embarcações singravam rumo do abismal Descaminho...
 Arroubos... Lutas... Setas... Cantigas... Povoar!...
 Ritmos de Brecheret!... E a santificação da morte!...
 Foram-se os ouros!... E o hoje das turmalinas!...

– Nadador! vamos partir pela via dum Mato-Grosso?
 – Io! Mai!... (Mais dez braçadas.
 Quina Migone. Hat Stores. Meia de seda.)
 Vado a pranzare com la Ruth.

Tietê

Julia Delfino, Luciana Araujo e Camili Pecinato

Era uma vez um rio...
 Porém anos depois já não era mais!

 Havia nas manhãs cheias de Sol do desespero
 as monções da fome...
 E os lixões!
 Os moradores de rua andavam rumo a ajuda
 Roubos... Lutas... Tristeza... Desesperança... Desmaiar!
 Ritmos de talentos perdidos!... E a santificação dos que fingem não ver!...
 Foram-se as águas!... E no hoje resta a sujeira!...

- Moleque! vamos procurar comida naquele lixo ali?
 - Partiu! Bora!... (Mais dez rancos
 de fome na barriga desnutrida. Ossos. Camisa esburacada.)
 Viver nunca foi tão difícil.

UFSC-CED-CA
 SEGMENTO: Ensino Médio – 3º ano C
 DISCIPLINA: Português
 PROFESSORAS: Jéssica e Gislene
 NOMES: Lucas Haas, Luiz Gustavo, Juan do Vale
 Florianópolis, 19 de junho de 2022.

Conto sobre “Paisagem N. 3”, de Mário de Andrade

Quando Parmesiano* ouve o primeiro som da chuva, decide sair de casa. Prontamente coloca a casaca inglesa, a boina francesa e a bota suíça, abre a porta da sua *maison* e sai com seu guarda-chuva grego.

As ruas de São Paulo, já acostumadas com o frequente clima, não se mostraram incomodadas pela precipitação. Apesar disso, nenhuma pessoa sana viria a descrever aquela paisagem como feliz ou agradável - pelo contrário, a indiferença apenas intensifica o clima triste e frio inerente aos dias chuvosos.

Parmesiano sabe disso, e é por esse motivo que ele escolhe exclusivamente os momentos chuvosos para escrever seus poemas. É porque apenas no clima triste e lento que ele consegue fabricar sua arte, trabalha nela de forma sofrida para criar algo puro e belo. Pois é apenas quando, nas ruas, não se consegue ver os rostos tampados pelos guarda-chuvas, nem o interior dos edifícios cujas janelas são todas fechadas, que ele consegue se sentir mais próximo à riqueza sóbria dos templos gregos.

Enquanto se dirigia ao seu lugar mais do que favorito para se acomodar e escrever, passou por diversas lojas, notando apenas a casa **Kosmos**, que não tinha impermeáveis em liquidação. Ele segue apressado pois ansiava escrever seus poemas. Seu amigo Mário o comprimenta, mas em meio a sua louca ansiedade em chegar ao seu destino e escrever seus poemas, ele não o percebe - era assim toda vez, o sentimento de impaciência o atormentava. Taças quebradas, a cinza chuva ou até o mesmo arco-íris sob seus pés passavam

despercebidos - seu objetivo era implacável. Parou, porém, para olhar as horas num relógio que tinha numerais **romanos**.

Quando enfim chegou ao seu destino, o Largo do Arouche, correu, esbarrando em todos em seu caminho, procurando qualquer banco que estivesse livre. E lá senta, lentamente, esculpindo suas poesias, e as batizando com suor e lágrimas. No mar, imaginava o rei de **Thule**. Das árvores do parque, ele escrevia sobre apenas uma - o **plátano**. Até que, de repente, ele vislumbra uma penumbra além do seu campo de visão, aparentemente acenando para ele. Ele olha pra confirmar - não, ela não estava acenando, mas sua atenção já estava ali, naquela coisa a qual ele não identificava. Subitamente, ela se aproximou. Em um susto ele largou suas folhas, folhas e mais folhas. Rapidamente ele pega seu casaco e agarra a criatura. Era um cachorro - encharcado e feio, mas o poeta não teve escolha senão ver seu rosto. A raça era dum tipo que só se encontra no Brasil.

Sua imersão foi destruída, e, nesse choque, considerou em vez de colocar partes de **Ilíada** ou da **Odisséia** nos seus poemas, colocar algo brasileiro, como um verso de Crisfal, num livro como o De Profundis. Os céus se abriram - havia parado de chover.

*Parmesiano é uma brincadeira com Parmesianismo

UFSC - CED - CA
 Segmento: Ensino Médio - 3º ano C
 Disciplina: Português
 Alunos: Anita, Hamilton e Maria Luisa

Os Cortejos

Monotonias das minhas retinas...
 Serpentinhas de entes frementes a se desenrolar...
 Todos os sempre das minhas visões! "Bom giorno, caro."
 Horríveis as cidades!

Vaidades e mais vaidades...

Nada de asas! Nada de poesia! Nada de alegria!

Oh! Os tumultuários das ausências!

Paulicéia – a grande boca de mil dentes;

e os jorros dentre a língua trissulca

de pus e de mais pus de distinção...

Giram homens fracos, baixos, magros...

Serpentinhas de entes frementes a se desenrolar...

Estes homens de São Paulo,

Todos iguais e desiguais,

Quando vivem dentro dos meus olhos tão ricos,

Parecem-me uns macacos, uns macacos.

Mário de Andrade

Paulicéia Desvairada (1922)

Manifesto

A urbanização da cidade paulistana

A visão da cidade se urbanizou rapidamente e a paisagem industrial ia se desenhando, se tornando um amontoado de cortejos, que eram um tanto carnavalescos, como fúnebres.

São Paulo é uma trituradora que aos poucos vai triturando os homens fracos, baixos e magros. Por um lado a cidade moderna representaria a libertação e a afirmação do indivíduo, já por outro lado ela poderia fazer um indivíduo perder sua singularidade e perder aquilo que o torna ele mesmo, a causa disso é a maldita divisão do trabalho e o poder imenso do dinheiro e do comércio.

Os homens da cidade são "todos iguais e desiguais", iguais enquanto ser e desiguais de suas classes sociais. Com características étnicas, sociais e culturais que os distinguem entre si, são também iguais e anônimos no aglomerado urbano e no mundo do trabalho. São nada mais que números. Tais homens são menos que homens, pois parecem agir meramente por reflexos condicionados. Parecem-lhe seres não civilizados, ignorantes, preconceituosos, se movem por gestos maquinais, desprovidos de seus próprios sentidos, eles parecem..."uns macacos, uns macacos."

Tietê - Mário de Andrade

Alunas: Juliana, Katherine e Ana Jussara 3C

Era uma vez um rio...

Porém os **Borbas-Gatos** dos **ultra-nacionais** esperiamente!

Borba gato : Bandeirante q enriqueceu explorando minas. Conhecido também por matar índios e estuprar índias. Bandeirantes eram quem exploravam o território na América do Sul atrás de riquezas, índios para escravizar e destruir quilombos.

Ultra nacionais : ideologia política e filosófica de extrema direita. Característica do fascismo.

Havia nas manhãs cheias de Sol do entusiasmo

as **monções** da ambição...

E as gigantes!

As embarcações singravam rumo do abismal Descaminho...

Monções : expedições fluviais dos Bandeirantes. Essas expedições serviam para manter o contato entre as capitânicas de São Paulo e Mato Grosso.

Singravam: velejavam

Arroubos... Lutas... Setas... Cantigas... Povoar!...

Ritmos de Brecheret!... E a santificação da morte!...

Foram-se os ouros!... E o hoje das turmalinas!...

Arroubo : confronto

Brecheret : escultor brasileiro que introduziu o modernismo na cultura brasileira. No ápice de sua carreira, suas obras retratavam figuras e costumes da cultura indígena brasileira.

– Nadador! vamos partir pela via dum Mato-Grosso?

– Io! Mail!... (Mais dez braçadas.

Quina Migone. Hat Stores. Meia de seda.)

Vado a pranzare com la Ruth.

Vado a pranzare : tradução do italiano : vou almoçar.

MANIFESTO:

Era uma vez no Brasil...

Porém os intolerantes nutrindo o Ultra conservadorismo indiscriminadamente.

Manhãs cinzentas imersas no estresse da correria da rotina

-Que não para, nunca para-

Injustiça!

A população seguia rumo à mais um dia... Só mais um.

Arroubos... Lutas... Setas... Cantigas... Povoar!...

Ritmos de Brecheret!... E a santificação da morte!...

Foram-se os ouros!... E o hoje das turmalinas!...

Nadador, vamos partir pelo mato grosso?

- Io! Mail!... (mais dez braçadas.

Quina Migone. Hat stores. Meia de seda.)

Vou almoçar com Ruth.

6.5.12 ANEXO L - Atividade de releitura - versão final (Plano VII)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO DE APLICAÇÃO

MÁRIO DE ANDRADE
3º SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Aluno(s): Bernardo, Morgana e Nuran

ILHA DE CORTEJOS

Neste pedacinho de terra lançado ao mar, fui tomado por uma onda de paz e tranquilidade que não sentia fazia tempo. A viagem para a Ilha do Desterro ocorreu sem problemas, o tempo estava ótimo e fui bem acompanhado durante a travessia. Quando pus os pés em terra e andei um pouco pelas ruas carentes de asfalto, finalmente pude notar as tamanhas diferenças com a minha cidade natal, São Paulo.

Era linda e radiante, em contraste com o fosco de minha terra, realmente os discursos sobre a ilha da magia eram reais, embora acabasse de chegar, já me sentia indiferente às preocupações triviais, ao contrário de São Paulo. Me vi na necessidade de um despreocupado bordejo, ao caminho pude perceber coisas tão diferentes de minha casa: ranchos de pescadores, praias exuberantes, uma paisagem de um verde tão vibrante antônimo do cinza pálido e chuvoso de São Paulo; uma alegria radiante mesmo na ausência do duro asfalto, rendeiras em comunidades com seus lindos bordados. Nunca vi uma cidade tão linda e livre de bestialidades da dita “urbanização”, era a prova de que mesmo sem o asfalto e grande aglomerado de pessoas, uma cidade pode tocar no seu coração.

Já estava ficando tarde, após passar tanto tempo me deliciando com os olhos, era hora de alimentar a barriga. Quantas iguarias, raramente eu tinha a oportunidade de me alimentar com frutos do mar, tão difíceis de se conseguir onde eu moro em São Paulo. Fui atendido dentro de uma comunidade hospitaleira, simples porém alegre e confortável, tão diferente da maioria das pessoas frias e vaidosas de minha terra. Após o banquete, fui me deitar ao som das ondas, que substituem o som de pessoas e carros barulhentos e intermináveis de São Paulo.

Se passaram dois, três ou talvez cinco dias, a tranquilidade da ilha me fazia focar na corrente do mar e me perder por completo da corrente do tempo. Essa paz que me preencheu o espírito assim que eu pisei em terra, agora se transforma no absoluto tédio. A monotonia de São Paulo me fez deixar a cidade atrás de aventuras, mas Desterro não me satisfaz com esse desejo. A paisagem da ilha é a mais bonita que vi desde que abandonei a roça rumo a cidade da garoa, no entanto, ter que me locomover apenas de barco me causa tremendos enjoos. Confesso que sinto saudades daquela espelunca que ousam chamar de transporte público. Pois é, talvez o modernismo não seja as mil ruindades como eu pensava, um pouco de tecnologia às vezes pode ser útil no dia-a-dia. Estamos em 1922, seria interessante se ao menos construíssem uma ponte nesta ilha de cortejos.



DÉCADA DE 20 - Vista da Praça XV de Novembro, Florianópolis.



DÉCADA DE 20 - Vista do prédio da ala norte do Mercado Público de Florianópolis.



1920, ANTES DA PONTE HERCÍLIO LUZ - Ponta do Estreito com o canal que separa o continente da ilha de Santa Catarina.

PROFESSORAS: JESSICA e GISELE
GRUPO 6
NOMES: Lucas Haas, Luiz Gustavo, Juan do Vale
Florianópolis, 19 de junho de 2022.

Conto sobre "Paisagem N. 3", de Mário de Andrade

Quando Parmesiano* ouve o primeiro som da chuva, decide sair de casa. prontamente coloca a casaca inglesa, a boina francesa e a bota suíça, abre a porta da sua maison e sai com seu guarda-chuva grego.

As ruas de São Paulo, já acostumadas com o frequente clima, não se mostraram incomodadas pela precipitação. Apesar disso, nenhuma pessoa ali viria a descrever aquela paisagem como feliz ou agradável - pelo contrário, a indiferença apenas intensifica o clima triste e frio inerente aos dias chuvosos.

Parmesiano sabe disso. É por esse motivo que ele escolhe exclusivamente os momentos chuvosos para escrever seus poemas - é apenas no clima triste e lento que ele consegue fabricar sua arte, trabalha nela de forma sofrida para criar algo puro e belo. Pois é apenas quando, nas ruas, não se consegue ver os rostos tapados pelos guarda-chuvas, nem o interior dos edifícios cujas janelas são todas fechadas, que ele consegue se sentir mais próximo à riqueza sóbria dos templos gregos.

Enquanto se dirigia ao seu lugar mais do que favorito para se acomodar e escrever, passou por diversas lojas, notando apenas a casa **Kosmos**, que não tinha impermeáveis em liquidação. Ele seguia apressado pois ansiava escrever seus poemas. Seu amigo, Mário, o cumprimenta. Mas em meio a sua louca ansiedade em chegar ao seu destino e escrever seus poemas, ele não o percebe - era assim toda vez, o sentimento de impaciência o atormentava. Taças

quebradas, a cinza chuva ou até o mesmo arco-íris sob seus pés passavam despercebidos - seu objetivo era implacável. Parou, porém, para olhar as horas num relógio que tinha numerais **romanos**.

Quando enfim chegou ao seu destino, o Largo do Arouche, correu, esbarrando em todos em seu caminho, procurando qualquer banco que estivesse livre. E lá senta, em frente a estátua do Imperador Augusto, lentamente, esculpindo suas poesias e as batizando com suor e lágrimas. No mar, imaginava o rei de **Thule**. Das árvores do parque, ele escrevia sobre apenas uma - o **plátano**. Até que, de repente, ele vislumbra uma penumbra além do seu campo de visão, aparentemente acenando para ele. Ele olha pra confirmar - não, ela não estava acenando, mas sua atenção já estava ali, naquela coisa a qual ele não identificava. Subitamente, ela se aproximou. Em um susto ele largou suas folhas, folhas e mais folhas. Rapidamente ele pega seu casaco e agarra a criatura. Era um cachorro - encharcado e feio, mas o poeta não teve escolha senão ver seu rosto. A raça era dum tipo que só se encontra no Brasil.



Sua imersão foi destruída, e, nesse choque, considerou em vez de colocar partes de **Ilíada** ou da **Odisséia** nos seus poemas, colocar algo brasileiro, como um texto de **Ânsia Eterna**, em um livro estrangeiro como o **De Profundis**. Os céus se abriram - havia parado de chover.



Foto tirada no parque do Largo do Arouche, em São Paulo. A estátua do Imperador Augusto mencionada no texto está na imagem.

UFSC-CED-CA

SEGMENTO: Ensino Médio – 3º ano C

DISCIPLINA: Português

PROFESSORAS: Jéssica e Gislene

GRUPO 6

NOMES: Lucas Haas, Luíz Gustavo, Juan do Vale

Florianópolis, 21 de junho de 2022.

Apresentação “Paisagem N. 3”, de Mário de Andrade - Roteiro

Quando olhamos o livro em que o poema estava, notamos que tinha outros poemas chamados “Paisagem”, sempre descrevendo um cenário (principalmente em São Paulo). Nosso poema não era exceção: descreve um dia de chuva em São Paulo, até que no fim a chuva acaba. Porém notamos que o poema dava uma grande ênfase para nomes estrangeiros (em destaque gregos) tanto no cenário quanto simplesmente nas metáforas usadas no poema: a loja *Kosmos*, o lírico *plátano*, o rei de *Thule* (ilha fictícia do imaginário grego), etc..

Entendemos que isso era uma crítica ao Parnasianismo, que tanto glorificava essas culturas, (o poema até sugere que Mário estava usando uma máscara enquanto o produziu, ou seja, escondendo algo) então decidimos escrever um conto sobre um Parnasiano, “Parmasiano”, que anda por São Paulo enquanto chove, procurando para um lugar para escrever, ignorando tudo pelo caminho menos o que é estrangeiro. Como o poema de Mário termina com a consideração de colocar um texto antigo português numa peça da literatura estrangeira mais recente, achamos interessante terminar o conto com Parmasiano considerando a possibilidade do Brasil ser belo também. Para chegar nessa conclusão, ele vê um cachorro “de tipo que só pode ser encontrado no Brasil”, ou seja, um cachorro com cor de caramelo. Adicionamos uma imagem para deixar mais compreensível. Daí o conto termina que nem o poema: para de chover (no nosso caso, é uma simbologia que representa a clareza na cabeça do personagem.)

Nós também adicionamos uma imagem do parque onde se passa o conto, o Largo do Arouche, focando na estátua do Imperador Augusto, que é mencionada no texto, pois é uma estátua que tem bastante significância a o que estava sendo discutido - afinal é um imperador romano, representado em arte realista e colocado no meio do Brasil, de certo os Parnasianos aprovariam. Só é importante notar que essa estátua não estava em São Paulo quando o livro de Mário foi publicado.

Deita-se em lágrimas o céu, cinéreo como São Paulo, poluído pelas minhas e pelas demais habituais desesperanças de um deprimido, aprisionado e desvairado povo.

Em minha janela embaçada, as melancólicas gotas disputam uma corrida; elas se põem vagarosamente e aglutinam-se até virarem uma. Eu as acompanho com o indicador, traço os seus traços, absorto... Chove mais que tudo nessa cidade... Mas ela sorri, ao passo que garoa. Zomba e importuna aqueles, os azarados, que esquecem de calçar suas botas e de botarem suas mais grossas calças.

Os acinzentados blocos perfuraram o vasto anuviado... De minha solitária, a observo. Ela agita-se e exalta uma estranha combinação de aromas, dos nativos aos estrangeiros... Eu a detesto. Casa Kosmos. Será que há impermeáveis em liquidação? Não. Não há, Mário... Toma-te jeito... Desça e espaiça-te... O guarda-chuva, não o esqueça...

Na sombra, um pingo de água escorre-me a testa e a cada passo, passo sem entender. Onde iria um comum a não ser ao Largo do Arouche? Em meio a poeira de incertezas, um ponto verde cintila...

Hipnotiza-me a dança lírica dos plátanos, harmoniosa e contínua, assim como o despertar das ondas. Suas folhas, do formato de mãos, me cumprimentam. Abraço-as.

Oh, Grande Capital! A desprezei tanto... Há uma beleza distópica em sua urbana simetria.

O cinza, aqui é o criador. O céu, os prédios, as calçadas, os bondes, as carroças, tudo composto pelo branco escuro. Cor essa que outrora é associada à ausência da vida, cabe como uma luva para a grande São Paulo. Imensidão e imparcialidade na qual nem mesmo o maior dos raios de sol interfere na grandeza do oceano cinza. Por isso és bela.

-Ei, Mário! O que está fazendo? Não pode deixar eles te verem assim! Lágrimas que costumeiramente se fundem à sublime garoa juntamente a um leve sorriso no rosto. -Tens razão Mania, Me pergunto onde eu estava com a cabeça. Os homens normalmente abdicam do desejo pessoal.

Estes passam encharcados com seus paletós cor de garoa, escorrendo, grudados aos seus corpos. Corpos belos, de homens belos com suas faces sem expressões que se integram ao presente onde a chuva irradia, substituindo o Sol. Andando rápido, tão rápido que é difícil reparar em suas faces, que seguem seu destino fundando-se as gotas que batem em seus guarda chovas, passando como vultos curtos que desaparecem por entre a chuva e o eterno cinza que devasta a cidade com sua luminosidade imperceptível.

As imensuráveis marcas de botas trilharam os caminhos dos que passam, manchando o petit-pavé com os caminhos dos elementos que trazem vida, a esbelta pintura da cidade.

Uma melodia doce chega aos meus ouvidos. As teclas do piano são pressionadas sutilmente acompanhando o trajeto das pessoas e das ruas que esvoaçam por entre os dedos da agradável garoa, em um movimento delicado e veloz, acordando aqueles que ainda possuem o olhar cansado e apressando os outros para chegar onde planejam, com seus rostos espelhando a garoa.

A melodia continua a ser tocada por um pianista oculto, harmonizando com o céu acinzentado. Pessoas pacientemente leem seus livros em uma praça, meus olhos correm lentamente por eles até que focam naquele que encara concentradamente uma edição de De Profundis. Será que ele também vê o que eu vejo? Ou desdenharia do verso de Crisfal em meu livro?

Eis que um raio de Sol risca o chuvisco ao meio. A melodia se intensifica e as cores se tomam vibrantes em meio a euforia que se expande pelas ruas, mostrando a magnitude de São Paulo, a cidade onde sorri uma garoa, se tornando uma admirável paisagem.

Os verões em Filanópolis

Esses viajantes, todos iguais,
Voltam a cada ano
sempre a mesma coisa todo verão
Todos os sempre das minhas visões! “Buenos días, hermano.”

ilha maldita!
Filas e mais filas...

Nada de respeito! Nada de cultura! Nada de bom senso!

Oh! Ilha da magia!

Sua beleza natural, que encanta de primeira vista

Atrai esses homens

Seres não civilizados, ignorantes e sujos,

Se tornando apenas uma hospedagem passageira,

Danificando nossa morada e nossa cultura,

de pus e mais pus de ignorância...

Ah, malditos turistas, sempre iguais,

Vão embora deixando seu lixo para trás,

Parecem-me uns macacos, uns macacos.



MANIFESTO:

Era uma vez no Brasil...
Porém os intolerantes nutrindo o Ultra conservadorismo indiscriminadamente.
Manhãs cinzentas imersas no estresse da correria da rotina
-Que não para, nunca para-
Injustiça!
A população seguia rumo à mais um dia... Só mais um.

Violência... Pobreza... Riqueza... População... Governo!...
Museu, história, lazer... em meio a correria da cidade grande !...
Foram-se a calma!.. E sejam bem-vindas as turbulências!...

caminhoneiro, vamos partir pelo Amapá?
nem city, new life (só mais 1000 léguas e já podemos ver a estátua da liberdade).
Avenida mágica. Loja da Apple. Times Square.
Passear com o cachorro no central park
Será lá assim tão diferente?



<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51406474.amp>

Tietê

Julia Delfino, Luciana Araujo e Camilli Pecinato
Era uma vez um rio...

Porém anos depois já não era mais!
Havia nas manhãs cheias de Sol do desespero
as monções da fome...
E os lixões!
Os moradores de rua andavam rumo a ajuda
Roubos... Lutas... Tristeza... Desesperança... Desmairar!
Ritmos de talentos perdidos!... E a santificação dos que fingem não ver!... Foram-se as
águas!... E no hoje resta a sujeira!...
- Moleque! vamos procurar comida naquele lixo ali?
- Partiu! Bora!... (Mais dez roncões
de fome na barriga desnutrida. Ossos. Camisa esburacada.) Viver nunca foi tão difícil.

Charge:



Fonte:
<https://arteemanhasdalngua.blogspot.com/2021/10/atividade-sobre-charge-sobre-venda-de.html>



Fonte: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/charge-fila-osso/amp/>

Notícia:

"Mercado Público de Fortaleza vende ossos de primeira e de segunda:"



Brasil Urgente

Mercado Público de Fortaleza vende ossos de primeira e de segunda

Preço dos ossos podem chegar a R\$ 12 no Mercado Público de Fortaleza

Fonte:
<https://www.band.uol.com.br/noticias/brasil-urgente/ultimas/ossos-de-primeira-e-de-segunda-no-mercado-publico-de-fortaleza-16459264>

Apresentação do trabalho

Este trabalho foi inicialmente inspirado por uma ideia do integrante João, com a substituição das descrições de São Paulo para Florianópolis. O resto do grupo foi auxiliando e acrescentando algumas propostas e o poema foi ganhando forma.

Sobre a apresentação, gostaríamos que fosse lido por quem entende do sotaque do qual é citado no poema e as imagens são do sentido literal de cada palavra presente na obra.

Algumas palavras e expressões de Florianópolis se mostraram confusas, então segue em questão uma legenda:

- Ó-LHÓ-LHÓ

Expressão de admiração, espanto ou surpresa

- SEGUE RETO TODA VIDA

Seguir em frente e em linha reta, sem se desviar da rota.

- SE QUEX, QUEX, SE NÃO QUEX, DIX

Expressão usada quando uma pessoa está indecisa, sem saber que decisão tomar.

- CALHAU

Coisa grande, enorme

- ARROMBASSI

Expressão de espanto, em situações de elogio ou afronta.

- BAIXIO

Parte mais rasa dentro do mar, banco de areia, crôa.

- EM DOIS PALITO

Rapidamente.

- TESOURA DO OLHAR

Horizonte.

Respiração

Florianópolis! Em dois palito, és apego de minha vida..

Ó-lhó-lhó! Os meus amores são feitos dois maiores mares

Arrombassi com suas cores, no baixio vê-se o calhau da tesoura do olhar.

Perfumes de sal... Resia

Segue reto toda vida no

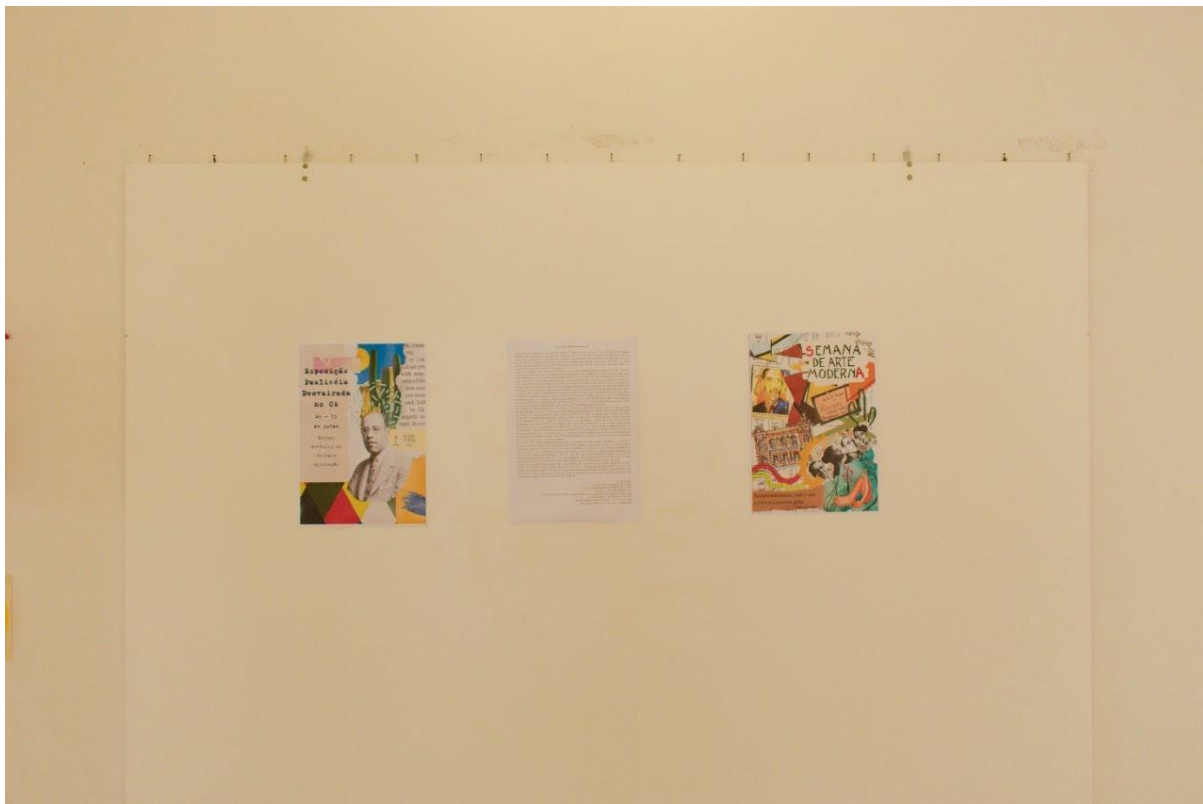
centro... Não central!

Florianópolis! Em dois palito és apego de minha vida...

O modo a falar a berrar nas águas das baías: SE QUEX, QUEX, SE NÃO QUEX, DIX

6.5.13 ANEXO M - Montagem da exposição “Paulicéia Desvairada no CA”







6.5.14 ANEXO N - Abertura da exposição “Paulicéia Desvairada no CA”

